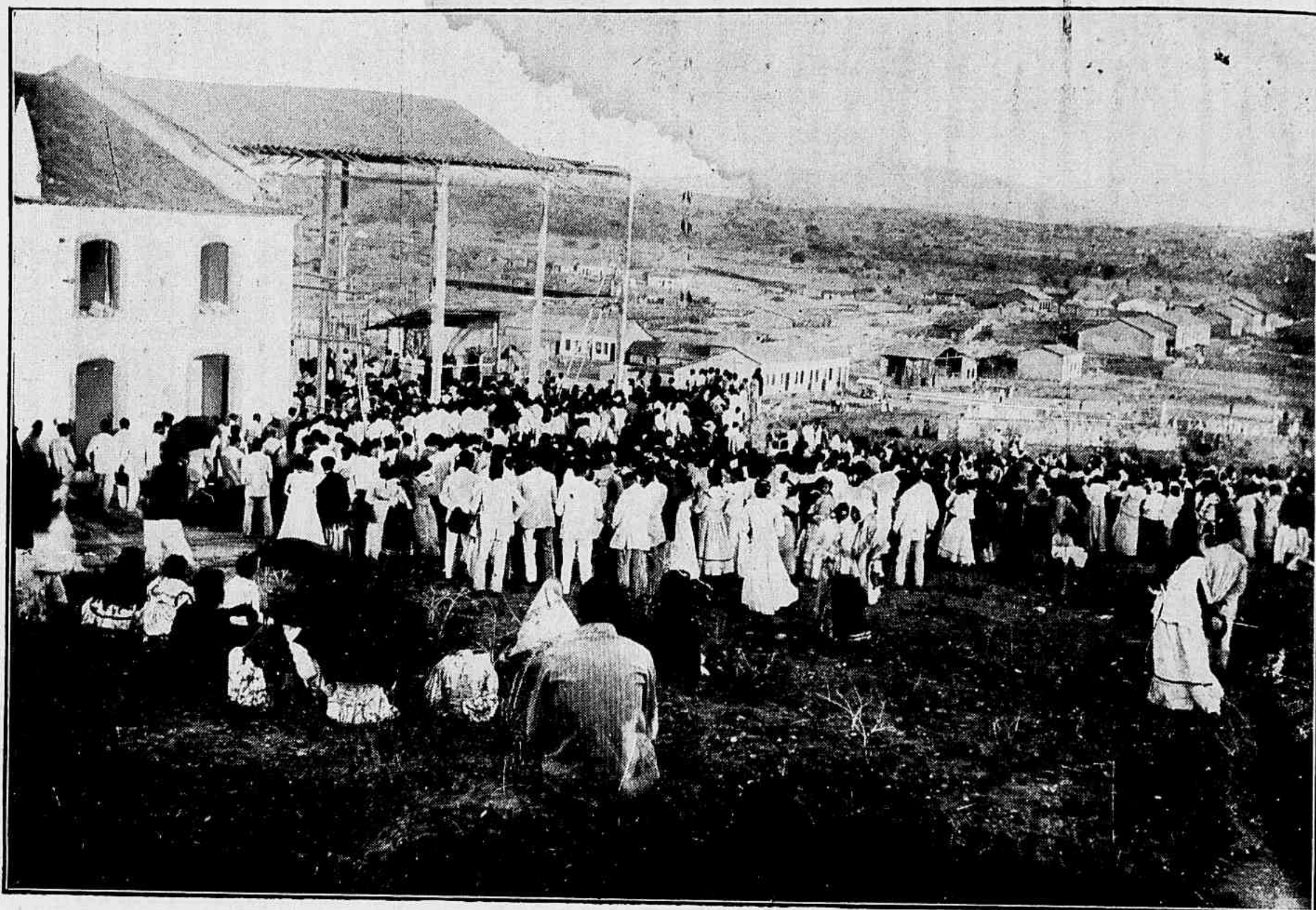
JORNAL DAS MOÇAS

Mlle. Clarisse Madeira

Jequié—Aspecto da benção dos exercicios da Santa Missão

HISTORIA DE UMA LAGRIMA

I

— Mas o que o salva é que o senhor me parece bom; sinto que não é simples curiosidade, mas um desejo invencivel do coração, do coração que é tão raro...

— E' isso mesmo.

— Pois, senhor, respondeu o velho, estou prompto para dar-lhe quantos copos com agua me pedir, mas não passe dos copos com agua; interrogar a minha vida é o mesmo que interrogar um sepulcro; os sepulcros não falam.

— Mas nada disso impede que o senhor vá interrogar o sepulcro daquella martyr...

O velho ergueu-se e lançou-me um olhar severo e perscrutrador.

— Porque me diz isso? Bem sabe que eu chorei e choro por ella, e não tenho culpa...

— Eu nada sei, respondi.

Daniel conservou-se naquella posição alguns instantes. Depois tornou a sentar-se e cravou os olhos no livro. Eu não ousava romper o silencio. Daniel, depois de algum tempo, levantou a cabeça e perguntou-me:

— Viu-me lá?

— Vi.

— Peço-lhe que não diga aos seus amigos. Bem sei que o logar é publico, e todos podem ver-me; mas nem todos podem penetrar tanto como o senhor. Quer ser meu amigo? E' tudo quanto lhe posso fazer.

Dizendo isto, estendeu-me a mão e eu apertei commovido. Depois conversámos, mas nada pude arrancar ao mysterioso velho.

Voltei lá muitas vezes. Daniel de cada vez fazia-se mais amigo, mais confidente; mas sempre que eu arriscava alguma pergunta indiscreta o velho franzia o sobr'olho e calava-se.

Um dia, porém, adoeceu, e como não tivesse ninguem mais para cuidal-o, além do seu fiel criado, eu, que havia entrado na confiança do velho, entendi que devia ficar alli algum tempo.

Cuidei delle como se fosse um amigo de vinte annos; o velho assistia á minha dedicação e mostrava-se enternecido. A' força de cuidados restabeleceu-se Daniel, e entrou em convalescença. O medico que o tratou, e que era meu amigo, quando no fim da doença Daniel lhe perguntou quanto devia, respondeu sorrindo:

— Um aperto de mão.

Daniel apertou-lhe a mão sorrindo para mim.

Quando, pois, Daniel convalescia, estavamos uma tarde assentados á janella vendo o sol que descambava, eu conversando para distrahil-o, elle scismando.

Depois de algum tempo de silencio entre nós, disse Daniel:

— Amigo, tens dado prova de grande affecto por mim, e eu realmente não sei como t'o pagaria se não pudesse dar-te uma prova de extrema confiança.

— A mim?

— A ti. Aquillo que por tanto tempo tenho recusado dizer-te, o segredo da minha vida, a lembrança de um passado que morreu, tudo vou depositar no teu espirito e no teu coração.

— Ah!... agradeço-lhe essa prova...

— Tanto mais que eu não posso estar longe da morte, e se esperasse mais algum tempo bom poderia acontecer que nada ouvisses. João, vai buscar a urna de ebano.

O criado, que entrava nesse momento, foi cumprir a ordem de Daniel, trazendo pouco depois uma caixa pequena de ebano. Entregou-a ao patrão e foi para dentro.

O velho tirou do pescoço uma chavinha de prata, abriu a urna e tirou de dentro um pedaço de papel dobrado.

— Está vendo este papel? disse elle mostrando o que acabava de tirar de dentro da urna. Pois aqui está resumida a minha historia.

— Em tão pequeno espaço? objectei eu.

— E ha papel de mais, porque o resumo a que alludo occupa aqui bem pequeno logar.

Dizendo isto desdobrou o papel e mostrou-me sem deixal-o.

Era meia folha de papel, tendo escriptas no centro umas quatro estrophes.

— Sim, disse eu, é então o espaço que estes versos occupam?

— Menos ainda: é o espaço que occupa esta lagrima. Não vê?

Eu nada via. Olhei espantado para o velho.

— Admira-se? Olhe aqiu á luz, não vê esta pequena mancha quasi imperceptivel?

Olhei e nada vi. Estava o velho louco?

— Não vê? disse-me elle. E' natural; porque o vestigio da lagrima desappareceu; mas os meus olhos, acostumados a vêl-a desde principio, ainda a vêm tão claro como então. Pois a minha historia é a historia dessa lagrima.

— Ah!

— Quer ouvil-a?

— Sim, quero.

— Bem; vou contar-lh'a.

*
* *

O velho começou:

Tinha eu vinte e oito annos quando meu pae me mandou de Pernambuco, onde nasci e onde residiamos, para o Rio de Janeiro, afim de começar aqui a vida commercial.

Meu pae tinha alguma fortuna; mas pensava (e com razão) que os filhos deviam tambem fazer fortuna por si.

Vim recommendado para a casa de um negociante de nome Valladares, antigo amigo de meu pae, que já o não via desde vinte annos. Fui recebido perfeitamente e empregado logo na casa de fazendas por atacado que Valladares possuia.

Era eu porém um empregado especial, a quem o patrão tratava com especial carinho, que jantava todos os dias em casa delle, ás Laranjeiras, e não deixava de ser convidado para todos os bailes e festas da familia.

Valladares tinha um filho e uma filha. O rapaz chamava-se Alfredo e era um peralvilho da peior laia, que gastava em passeios e ceiatas a fortuna do pae, a ponto que este já estava disposto a fazer justiça por suas mãos, prendendo-o em casa e alimentando-o a pão e agua, afim de ver se este regimen de sobriedade curava-lhe o vicio do desperdicio.

Chamava-se a filha Elisa, e tanto havia que censurar no irmão quanto havia que louvar n'ella. Era bella e meiga, modesta e recatada; era um rosto e um coração angelicos.

O pae educou-os com extremo desvelo; mas, quando se referia á filha, dizia sempre que era ella a boa terra onde a semente havia produzido, ao passo que Alfredo era comparado á terra safara onde a semente seccára sem recundar.

O filho sorria de um modo alvar quando o pae pronunciava essa dura sentença; a filha, porém, beijava o pae e ia dizer baixinho ao irmão alguma palavra de conselho.

Educada com severidade, Elisa não comprehendia o quee era uma moça namoradeira, e procedia tão bem, sabia alliar com tanta graça a polidez da sociedade ao recato dos seus vinte annos, que ninguem tinha de que se queixar della, nem porque fizesse de menos, nem porque fizesse de mais.

Poucas pessoas frequentavam a casa. Os mais assiduos e intimos eram um major de infantaria, um segundo official de secretaria, um poeta e eu. O poeta era um mancebo, filho de um protector de Valladares, que morrera pouco havia. Chamava-se o filho das musas Luiz.

Reuniam-se frequentes vezes as pessoas até aqui nomeadas, excepto Alfredo, que entrava para casa ás quatro horas da manhã e sahia ao meio-dia, isto é, apenas se levantava da cama.

Nessas reuniões tocava-se piano, cantava-se, conversava-se, tomava-se chá. O major jogava o xadrez com Valladares; o poeta recitava versos; Elisa enchia tudo com a sua graça e as suas palavras.

Ou fosse á força do habito, ou fosse vontade do destino, o caso é que eu comecei a sentir-me impressionado pela filha do negociante. Eu era um rapaz de provincia, acostumado a uma vida obscura e modesta. Agradava-me aquelles habitos e aquella indole. Demais, era

bella de rosto, e boa de coração. A minha impressão cresceu pouco a pouco até tornar-se um verdadeiro e profundo amor. Mas seria correspondido? Parecia-me que o era. Quando ella ás vezes fitava em mim os seus grandes olhos coava-me um fogo n'alma e parecia-me que era aquelle olhar uma demonstração de sincero affecto.

Unir os meus dias aos della, foi o meu primeiro e maior sonho. Mas, como? Pedil-a ao pae era o meio mais natural, mas repugnava-me, pois que, além de ser eu um simples empregado recebido em casa por prova de confiança, receiava que se attribuisse ao meu acto intenções menos puras e confessaveis.

Aqui entrava eu na luta suprema do coração e da consciencia, do dever e do amor. Entendia que era decóro reduzir-me, mas esse silencio era para mim o mais atroz de todos os supplicios.

Os dias correram, e eu, não podia ainda aspirar á gloria de possuir Elisa, gozava ao menos da felicidade de vêl-a e viver nos olhos della.

Durou este estado sete mezes. Disposto a soffrer em silencio, resolvi por outro lado trabalhar muito, de modo a constituir um direito á mão da moça.

Notava eu, porém, que Valladares, até então meu amigo confessado, redobrava de affecto e de attenções por mim. Nos meus sonhos de felicidade conjecturei ue o negociante, tendo percebido a minha paixão, approvava-a do fundo d'alma, e talvez mesmo por inspiração da filha.

Um dia, estando no escriptorio a trabalhar recebi recado de Valladares para que fosse lá á casa á noitinha. Fui.

Valladares estava no gabinete e mandou-me entrar.

— Deram-lhe o recado a tempo?

— Sim, senhor, respondi eu.

— Bem. Sente-se.

Puxei uma cadeira. Valladares limpou os oculos, e depois de algum silencio perguntou-me:

— Não desconfia do motivo por que mandei chamal-o?

— Não, senhor.

— E' natural. Os velhos são mais perspicazes que os moços. O motivo é perguntar-lhe se não pensa em casar-se.

Olhei para elle com um movimento de alegria; mas ao mesmo tempo cheio daquelle medo que acompanha o coração quando está prestes a colher uma grande felicidade.

— Não sei... respondi.

— Não sabe? Responde como se fôra uma moça. E' verdade que a minha pergunta foi talvez mal cabida. Responda-me então: Não ama?

Depois de algum tempo respondi:

— Sim. .

— Ama minha filha?

— Perdão, mas é verdade.

— Perdão de que? São moços, podem amar-se; é amado?

— Não sei.

— Ah! mas eu creio que é.

— Ella disse-lh'o?

— Não, mas desconfio...

— Se fosse verdade...

— Ha de ser. Pois se a ama e se quer desposal-a, nada de temores pueris, nem receios infundados. Eu não sou nenhum dragão.

— Mas como poderei aspirar a tanta felicidade?

— E' boa! aspirando. Vou consultar Eliza.

— Pois sim...

— Vá para a sala.

Sahi entre a alegria e o receio. Se ella não me amasse? Se auillo tudo fosse illusão minha e do pae? Ao mesmo tempo pensava eu ue era impossivel que ambos nos enganassemos, e embalado por tão lisongeiras esperanças aguardei a resposta definitiva da minha ventura.

D'ahi a um quarto de hora entrava Valladares na sala com um sorriso animador nos labios.

Fui direito a elle.

— Minha filha é sua.

Elisa entrou na sala logo atrás do pae.

— Ah! que felicidade! disse eu encaminhando-me para ella.

A moça abaixou os olhos. Estendi-lhe a mão, sobre a ual poz ella a sua.

Era noite. Tamanha felicidade abafava-me: eu precisava de ar; e além disso tinha vontade de ver se, sahindo áuella casa, desfazia-se o ue me parecia sonho, ou se realmente era uma realidade bemaventurada.

Preparou-se o casamento, que devia effectuar-se dentro de um mez. Valladares disse-me que eu entraria como socio na casa, sendo esse o começo da fortuna que meu pae exigia que eu proprio alcançasse.

Elisa recebeu contente aquella proposta? amava-me realmente? Eu acreditei que sim. Mas a verdade é que a moça não diminuiu para mim o tratamento affectuoso que até então me dava; como não era alegre, ninguem reparava em que nada se lhe alterasse pela proximidade da união.

A differença que eu notei então na casa foi que Luiz, o poeta que lá ia, de alegre que era tornára-se triste e distrahido. A mudança foi a ponto que eu comprehendi que elle nutria por Elisa algum sentimento de amor. Provavelmente preparava-se para ser seu marido. Quiz a sorte que as circumstancias transtornassem esses planos. A culpa era minha, pensava eu; é natural amal-a, basta conhecel-a.

Effectuou-se o casamento em Novembro. Foi para mim um dia de felicidade extrema, com uma unica sombra, é que Elisa pareceu triste logo desde manhã, e indagando eu a causa disse que se achava um pouco doente.

— Adiamos o casamento...

— Não, ha de ser já.

— Mas se está enferma?

— Uma dor de cabeça; nada é.

A ceremonia foi celebrada debaixo dessa impressão.

Assistiram a ella todos os amigos da casa, menos o poeta, que dois dias antes partira para uma cidade do interior, onde ia, disse elle, ver um parente.

Quando eu me vi casado, senti tamanha satisfação que tive medo de mim. Agradeci mentalmente a meu pae o haver-me mandado para o Rio, onde aquella ventura me esperava.

Não lhe direi como correram os primeiros dias do meu casamento; foi o que costuma a ser, uma lua de mel. Elisa nada mudou do que era; á sua indole attribui eu a circumstancia especial de que, ao passo que eu me sentia ardoroso e cheio daquella gloria de possuil-a, ella mostrava-se affectuosa, mas reservada, obediente e passiva.

—E' natural nella; foi assim educada, pensava eu.

E não havia cuidado nem attenção de que eu não a rodeasse para que ella fosse feliz. A moça agradecia-me com um sorriso. Para mim aquelle sorriso era uma luz do céo.

No fim de algum tempo, appareceu outra vez o poeta, que vinha, dizia, de fechar os olhos ao parente, e trazia luto fechado. Ficava-lhe bem o luto, e não sómente o luto das roupas, mas o do semblante que estava fechado e triste como uma campa que esconde um morto.

O poeta foi á nossa casa; mas Elisa não lhe fallou, por estar adoentada, segundo mandou dizer. O moço voltou lá mais duas vezes sem que pudesse ver minha mulher. Não voltou lá mais.

Pouco depois soube que partira para os Estados-Unidos. Ia procurar, disse elle ao major que frequentava a casa de Valladares, um grande centro populoso que lhe servisse de grande deserto para o coração.

Desconfiei, como era facil, que o amor de Luiz não se extinguira, e que, preferindo o suicidio moral á deshonra, buscava assim o esquecimento num exilio voluntario.

Passaram-se tres annos quasi, e por esse tempo adoeceu Elisa. Foi ao principio molestia de pouca monta, mas aggravou-se com os tempos, e um dia chegou em que o medico me disse que a infeliz estava tisica.

Pódes acaso calcular a minha dor?

— Salve-a, doutor, exclamei eu.

— Sim, hei de salval-a!

Com effeito, o medico envidou todos os esforços; occultou a molestia á enferma, por prudencia; mas Elisa tinha a convicção da gravidade do mal. Emagrecia e empallidecia a olhos vistos.

Abandonei os interesses da casa a meu sogro, que, por sua parte, entregou-a aos cuidados do guarda-livros, e ambos nos occupámos exclusivamente em cuidar da pobre enferma.

Mas o mal era fatal. A sciencia nem o amor nada podiam contra elle. Elisa definhava; não longe estava a morte. Ao menos salvavamos a consciencia de ter feito tudo.

Eu poucas vezes sahia, e isso mesmo pouco tempo me demorava fóra de casa. N'uma desses vezes, em que eu voltava, não achei Elisa na sala de visitas. A infeliz já poucas vezes se levantava; cuidei que estivesse de cama. Fui para lá; não estava. Disseram-me que tinha entrado no seu gabinete de trabalho.

Dirigi-me para lá pé ante pé.

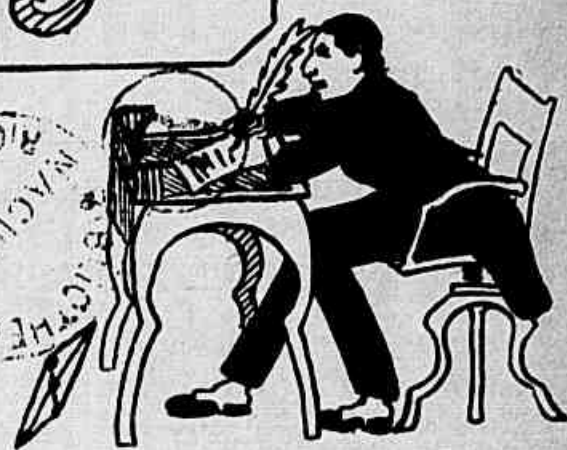
Elisa estava de costas, sentada numa poltrona com um papel na mão; approximei-me de vagarinho, queria causar-lhe uma agradavel sorpresa dando-lhe um beijo.

Mas, no momento em que eu approximava-me della vi que o papel que ella lia continha uns versos, e parava para os ler, quando vi cahir sobre o papel uma lagrima.

Que era aquillo? De um lance comprehendi tudo; não pude surter um pequeno grito que ella ouviu e que a assustou.

Vendo-me pallido e de pé diante de si, minha mulher levantou-se a custo e curvando a cabeça murmurou:

— Perdão!

(Continúa).

Ao Nhi-Nhi.

Amo-te e jamais me esquecerei de ti; que importa esta cruel e longa ausencia, se a tua imagem não sae um só momento do meu pensamento.

Annitinha.

NUNCA!

A' Neninha.

Não pude ainda esquecer-te,
Nem nunca te esquecerei!...
A's vezes supponho ver-te,
Oh! mulher que eu tanto amei!

Mas foge logo, nãodura
Essa risonha illusão...
E volta a dor, que tortura
O meu triste coração.

Meyer.

John.

A' Airam Lenar.

A mulher só ama verdadeiramente depois que tem o santo e venerado nome de mãe.

J. E. F.

Ao Julinho G. S.

As andorinhas vão e voltam, porem tu, ingrato, foste e não voltaste mais. Porque não imitas as andorinhas?

Clelia.

A' adorada "Béta"

A Esperança é a lampada que illumina as trevas da longa estrada da separação.

A' viver neste mundo de illusões, en volto em lagrimas e dor sem ouvir uma palavra sincera, nem do affecto gozar o calor, a morte eu prefiro, Senhor!

A. da Silveira Bulcão.

ORGULHO

(Parodiando)

A' W. B.

Eu nunca te pedi amores... nunca!
De mim jamais ouviste tal pedido!
Meu grandioso orgulho não se trunca
A render-se a teus pés como vencido.

Eu nunca te pedi amores... nunca!
Porque em teu peito elle não acha
| abrigo!
E eu, lhe sentindo embora a garra
| adunca,
O meu orgulho ao coração bemdigo.

Minh'alma á tua se rendia escrava,
Se acolhesses com a graça de um sorriso,
Todos os risos que ella te mostrava.

E hoje fallar-te tudo inda não venho...
Mas, para amor pedir-te era preciso,
Que eu não tivesse orgulho como tenho.

Manezinho.

A' quem eu amo.

A' ti minha doce amiga, consagro a minha unica e verdadeira amizade.

A' minha idolatrada Iria.

A amizade que te consagro é tão sincera que um só gesto de volubilidade de tua parte para commigo, seria um martyrio.

Juiz de Fóra.

Margot Carvalho.

A' prima Albertina.

Assim como o passaro, em busca do alimento, foi traspassado pela setta do caçador, eu nos curtos momentos de minha vida, em que não te vejo, sou traspassado pela aguda setta da saudade.

Madureira.

Mariano Campos.

A' G.

Amar-te! é minha sina; e só o deixarei quando o meu corpo inerte, baixar á louza fria e a minha consciencia o abandonar indo vagar pelas regiões ethereas. Sei que não correspondes o meu amor, mas que posso eu fazer se a minha sorte foi dictada por Deus para amar-te? Quizera eu poder não te amar, porque só assim sentiria allivio neste coração cheio de soffrimentos; porém, se é minha sina, hei de amar-te até deixar este mundo de verdadeiras illusões, e talvez quem sabe? ainda no outro continuaria a amar-te.

Paulo de Mattos.

A' gentil Dlle. M. C. P.

O amor é sempre bello, mas só é grande quando perdôa, soffre e tem saudades!

M. P. B.

Ao M. S. B.

Sei que amo um coração de gelo que não conhece o que é o amor. Mas fui trahida por aquellee olhar que é a luz da minha existencia.

Maria.

Ao Lavemred.

O amor sincero nada apprehende, só receia o espectro da ingratidão.

Etselec.

A' alguem.

A recordação de um passado alegre faz-nos esquecer o presente cheio de amarguras.

Sta. Cruz.

Atiles.

A' alguem

Os dezertos e as catacumbas de Roma serviram de refugio aos primeiros christãos perseguidos pela tyrannia dos imperadores romanos. Assim me servem estas longinquas regiões, separadas por immensos mares, de refugio da tyrannia do teu perverso coração.

Odeveza.

A' Olivia.

De certo, não poderias encontrar no archivo da tua consciencia aquillo que o não archivaste.

A tua culpa archivei-a eu em meu coração, porque este é o unico juiz competente para julgal-a.

Quem te entendeu.

A' Alcides

Desde o dia em que te vi, trago em meu coração a tua imagem, que jamais se apagará do meu pensamento.

J. Bastos.

Ao S.

Quando para mim, querido, volvestes estes teus lindos olhos azues, fizeste nascer em meu coração o primeiro amor puro e immorredouro.

C.

Versos á meu amor.

A linda rosa vermelha
Que inda hontem me offertaste,
Desfolhei-a com maldade
Só porque tu a beijaste.

Arrependi-me — era tarde,
Jazia morta a ditosa,
Que fôra sem o saber
Minha rival venturosa.

Amelia Napoli.

A' Walkyria B.

O teu olhar trahiu-me, a tua voz illudiu-me, a tua bondade insistiu commigo para amar-te, e tu me feriste com a setta do desprezo.

Mas... ainda te amo!

C. S.

POR TI

A' quem ainda amo.

Com a tua ingratidão
Soffrerei eternamente!
Morrerá meu coração
Soluçando tristemente!

Conhecendo tua dor
E a cruz do teu calvario,
Morrerei por ti, amor,
Por ti, meu querido Mario!

Botafogo, 5 | 11 | 915.

Violeta.

A' alguem.

Desejamos que se pense bem de nós, até quando nós mesmos não o pensamos, e assim nos illudimos quasi sempre com as illusões dos outros...

Attila.

DESILLUZÃO

A qui trop j'ai aimé

Por uma tarde, de um azul hortensia,
Eu vi surgir essa visão querida.
Que eu amei, com transportes de demencia!
Unica luz me illuminando a vida...
Estrella d'alva, que seguindo, eu cria,
No meu caminho me evitar escólhos...
Ia contente e, em sua fronte eu lia,
Novo futuro da cor de seus olhos!
Ai!... era tudo chimerica utopia...

Bangu'.

E. R. T.

Ao Rodolpho Sá Earp.

A amizade é uma flor tão delicada que só floresce no coração de... um petropolitano.

Urze.

Ao Ladervame.

O amor sincero nada apprehende, só receia o espectro da ingratidão.

Eceltesa.

A'...

Infeliz da creatura que dedica puro amor ao homem, porque raras vezes elle sabe corresponder o seu affecto.

Maria.

A' Dulce Cezar

Deus, de duas gottas de orvalho fez, de uma, a rosa para rainha das flores, e de outra fez Dulce para rainha das moças.

H. V. A.

A' ***

O olhar da pessoa amada é tão sublime e acariciante que nos eleva ás mais altas regiões do infinito.

Lany.

Ao meu noivo J. L.

Partiste... Quanta dor traduzia o teu olhar naquella hora de suprema angustia! Hoje, rememorando o passado, minha alma se anniquilla sob o peso da saudade!...

Fifita.

A' Mlle. A. R. C.

Amo-te, sim!... E muito... Mas, deixa de ser orgulhosa, pois o orgulho é muito feio, e é uma das coisas que eu detesto.

Eurico.

O ciume é um verme do coração alimentado pela pessoa que ama, quando da amada não tem a verdadeira confiança.

Não ha dor que tanto dilacere o coração, como aquella que é causada por um amor não correspondido.

S. Paulo.

Lazaro A. Mattos.

A' Zizela.

O céo é todo azul, no firmamento brilham as estrellas. E a lua, mãe dos poetas e deusa da inspiração, com a sua luz de prata, vem realçar esta bella noite de verão. Então, eu, sosinho, na minha alcova quedo-me a pensar em um passado que jamais voltará. Lembro-me de teu rosto lindo, de teu olhar de santa que eu tantas vezes recebi como uma esmola divina. Mas, ah! desillusão cruel! Hoje vejo que teus olhos mentiram-me e por estes teus olhos é mister que eu soffra toda minha vida. Mas mesmo assim, hei de amar-te sempre, sempre.

F. R. Andrade.

A' alguem

O amor é o elemento permanente do coração; é elle que, quando sincero, nos faz trilhar na vida sem conhecer a dor.

Villa-Militar.

A' gentil Maria M. L.

A esperança é a companheira dos infelizes. Quando um coração é abandonado pela esperança deve a alma tambem ser levada á Deus, porque ficando-se neste mundo soffre-se cruelmente.

S. Christovão.

Alvaro Cruz.

A' minha cunhada
Sylvia M. Moraes.

A caridade é um sentimento tão puro e bello que nem todos o possuem. E' uma virtude que só vive, floresce e se desenvolve nos corações magnanimos e piedosos; é a taboa de salvação que implora o naufrago e os afflictos, nas vascas da morte, com fé no Omnipotente e esperança soffrega de se salvar.

Villa-Izabel.

Alvaro de Araujo Góes.

RESPOSTA

A' senhorita Setogamy

Perdão, peço-te eu!

Nunca te disse que fosse offensa não me entregares as cartas; pelo contrario, isto quer dizer que ainda sentes por mim o mesmo que sentias. Bem sei que, não com o mesmo ardor, com o mesmo affecto, mas sim, com a mesma bondade de teu coração e a mesma nobreza de teus sentimentos, amas-me! Não é verdade?

A. Campos.

Ao Mario.

Se teu olhar não mente, eu confio e espero. A esperança será minha companheira durante a tua longa ausencia.

Maria.

Loin de toi

Quando em noites de luar, contemplo na praia o céo adornado de estrellas e ouço os murmurios das ondas, lembro-me de ti, ingrato, e o mu coração sensivel enche-se de infinita tristeza lembrando-se que sou esquecida por aquelle a quem dedico sincera amizade.

Copacabana — Rio.

Papoula Branca.

A' querida Nelly.

Minha alma sem teu amor, é como a delicada violeta no voraz deserto, que a falta de uma gotta de orvalho, fenece e morre no mais cruel abandono.

P. P. S.

A' quem me entende.

Disse Plinio, o naturalista, á uma romana que lhe pedia conselho: "Procura amar quando fores amada e não sejas tu a primeira a dar a comprehender que queres fazer-te amada.

Rio.

Emmanuel Minucci.

A' alguem.

Esperança! sentimento sublime que já possui; hoje, porém, negra magoa se apoderou de meu peito dilacerando-o cruelmente, restando-me somente da esperança, um sonho já desfeito!

Sarah Paiva.

A' cara amiga Elisa Imbuzeiro.

Sob a mascara da indifferença occultas, ás vezes, ardentes e profundas paixões.

Para o amiguinho Marcilio D. Pereira.

Das tres quadras da vida, é a infancia a mais ditosa, pois que, nella não curvamos a fronte ao peso das amarguras.

Léa d'Arcy.

Ao Albaninho.

Se eu pudesse tambem abrir o meu peito para deixar-te á vista o meu coração, jamais duvidarias do meu amor, porque verias nelle gravada em lettras de ouro esta palavra — Sinceridade!

S. Christovão.

Anllet.

A Toi.

Embora não me devotes amor, nem mesmo amizade, deixa ao menos que eu traga unida a mim a consoladora esperança, pois trago teu nome gravado em meu coração.

Rio.

L. S. A.

A' Exma. Sra. D. Thereza Pinto

A sympathia é um grito expontaneo d'alma, que quasi sempre encontra echo no coração de quem a inspira.

A' querida Maninha.

A amizade é um sentimento bello e só os bellos corações podem nutril-a. Sua divisa é a sinceridade, e sua base a dedicação.

Santuza.

RECORDAÇÃO

A' ti, pela ultima vez.

Lembra-te ainda, ingrato, da phase ditosa do nosso amor?! Recorda-te ainda quando, fingindo ser sincero, dizias-me: "só a ti amo"?

E eu ouvindo as phrases perjuras que me dizias julgava caminhar para um futuro risonho; mas, tudo era falsidade! Foste por demais tyranno, fingias amar-me, e jurando eterno o teu amor!!

Eu que confiei nas tuas juras, amo-te ainda para meu eterno soffrimento.

Zizi.

A' C. C. (Ina)

Sómente ao teu lado me sinto feliz; longe de ti, a vida é-me um supplicio. Apenas tenho como balsamo a esperança, a confiança e o doce pensamento que nos liga a todo instante.

Bello Horionzte.

Liudoque.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1915 NUM. 37

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

CHRONICA

AINDA vibra no espirito de todos nós, com a violencia das grandes catastrophes, a dolorosa impressão produzida pelo naufragio da barca "Setima" no canal de Mocanguê.

Como todos já sabem, essa barca em cujo bordo iam cerca de 400 alumnos do Collegio Salesiano sossobrou terça-feira, 26 do mez passado, isto é, no mesmo dia em que grandes homenagens eram prestadas á Sua Eminancia o Cardeal Arcoverde.

Com esse naufragio terrivel, devido á impericia do mestre Joaquim de Souza que governava a "Setima" na ocasião em que ella naufragou, perderam a vida 30 alumnos mais ou menos, trinta pequenos sêres que eram o anhelo de seus paes, toda a alegria de seus lares queridos.

Descrever a extraordinaria ancia e tristeza de que ficou possuida a população logo que soube da luctuosa nova, é quasi impossivel. Assim que correu a noticia do sinistro naufragio, não só o Cáes Pharoux como tambem a Ponte Central de Nictheroy ficaram replectas de pessoas que procuravam anciosas saber noticias relativas ao medonho desastre.

Eram mães que, afflictas e chorosas, imploravam noticias de seus filhinhos queridos que julgavam e anteviam perdidos para sempre... Eram paes que tentavam, acabrunhados por terrivel anciedade e por uma dor immensa, colher algo sobre a sorte de seus filhos... Emfim, era o povo que, presa de sincera dor e da eterna curiosidade, procurava saber dos pormenores da pavorosa catastrophe...

Felizmente o desastre não teve a extensão, as proporções medonhas que a principio todos julgavam, e isso somente devido ao rapido e prompto soccorro que foi logo prestado, evitando-se assim que o numero de victimas fosse maior e que a dor enluctasse mais corações e lares...

A proposito desse grande desastre, onde se salientaram pela sua rapidez e bravura, no serviço de soccorro a lancha "Cruzeiro" guiada plo heroico mestre Pedro e muitas embarcações, devemos recordar certos factos para os quaes chamamos a attenção dos nossos leitores, tal a importancia que elles nos offerecem...

O Collegio Salesiano Sta. Rosa foi, como se sabe, fundado pelo eminente apostolo do Bem D. João Bosco, que nasceu no dia 16 de Agosto de 1815, numa aldeiasinha de Castelanuova d'Asti, diocese de Turim. Elle, que possuia uma alma compassiva e boa, murmurava sempre: "Recommendo-vos d'um modo todo particular o cuidado com os meninos pobres e abandonados que sempre foram a porção mais cara do meu coração sobre a terra..." E no entanto, com o tempo, seus successores foram alterando o fim ao qual se destinava o Collegio por elle fundado, e transformaram-n'o em uma verdadeira caserna onde uma disciplina de ferro domina os pobres innocentinhos, a quem elle, possuidor de uma "indole branda, animo generoso e expansivo, coração nobre e grande", chamava "os meus meninos".

Por isso, si D. Bosco soubesse que "os infelizes desamparados", a quem elle tanto amava, na expressão de sua alma meiga e boa, agora estão transformados em pequenos sêres em cujas almas innocentes já se abriga o amor pela guerra, sem duvida choraria, elle que em suas maximas tão cheias de verdade e rligião, fallava assim: "De todas as obras, a mais efficaz para obtermos o perdão dos peccados e a vida eterna, é a caridade feita ás "creanças". E "dae aos "orphãosinhos" sobre a terra e Deus vos enriquecerá um dia no Paraizo". Actualmente isso não se faz, e só nos resta o consolo de murmurarmos com D. Amelia Rodrigues:

> "Ah! Senhor! Tu, que és o Pae dos desgraçados,
> Tu, que és tão bom, tão liberal comnosco,
> Para acudir aos orphãos sem abrigo
> Espalha, espalha os filhos de D. Bosco!"

Essa observação nossa é feita somente em virtude de vermos deturpada em parte a obra de um santo que sonhou um dia dar um abrigo aos pobresinhos e não militarisar o cerebro dos desamparados, porquanto, preparar desde a infancia o espirito infantil no regimen guerreiro, é fabricar pequenos monstros acostumados desde cedo na arte de matar, arte terrivel e medonha que deve ser posta para bem longe dos juvenis olhares, pois que embrutece o cerebro e avilta o espirito e que tem como synthese final essa medonha, essa terrivel palavra: guerra.

O "Jornal das Moças", ainda que tarde, manifesta nestas linhas o seu profundo pezar pelo tristissimo acontecimento que levou o luto a tantos corações e a mais profunda magoa ás almas amantissimas de tantas mães.

Senhorita Odette Montesuma, filha do Sr. Montesuma de Carvalho — Ceará

PAGINAS DA ALMA

A' genial artista Maria Milone Vaz.

A sympathia e a gratidão de um auditorio, são cousas que difficilmente se conseguem; surgem após longos annos de luta insana, de sacrificio em que a propria vida balança muitas vezes.

O artista tem o mundo que o deve julgar, como patria e a sociedade, a quem leva a luz do genio que possue, como familia.

E' em publico, onde a mentira empallidece, onde a verdade triumphante se levanta, e tudo quanto é falso desapparece, que surge o valor do artista, do litterato e do poeta.

Os invejosos não podendo copiar destes uma parcella de merito, siquer, levam o desespero ao extremo na luta contra os elementos, que os deixam na mesma indifferença, emquanto que elles triumpham, porque o saber não treme diante de mesquinhos sentimentos.

Milone! Tu és o genio que nos extende as azas, o propheta da arte a quem o povo aponta o zenith dos grandes artistas para que o teu nome seja sempre uma palavra de admiração e de profundo respeito. E's a mulher superior, que não precisa da admiração tributada com a forma rasteira, servil de lisonja, que só agrada aos espiritos banaes; o teu violino arrebata, nos sons melodiosos que desprende, as almas sonhadoras, embriagando-as de mysticos prazeres; tem a vibração da harpa eolea que deleita os corações apaixonados, como tu os segredos de Euterpe.

Quando te poderei imitar, mestra adoravel?

Quando arrancarei lagrimas de sentimento ao desprender sons maviosos que parecem falar numa linguagem de affecto e poesia?

Nunca, talvez.

Falta-me talento, falta-me aquillo que não volta e que choro saudosa, dia a dia — as primaveras desfolhadas pelo tempo.

As minhas phrases, orphãs de poesia, pobres de estylo, chãs por completo as telas que figuram nas salas das pessoas amigas, inestheticos borrões arrancados de um pincel que só teve o impulso do sentimento de uma creatura despida de

Senhorita Santinha Salles, filha do Coronel Carlos Salles, residente em Natividade — Ceará

talento, não se comparam com o teu violino de alma apaixonada e extraordinariamente genial!

Trabalharei, portanto, e, impellida pela força de vontade que me agita na luta, chegarei, seguindo a tua sombra, como mestra, ao altar consagrado ás sete Musas, onde a corôa de louros não constitue privilegio.

Lastimo que não tenham as minhas phrases o colorido das dos poetas para traduzir melhor o sentimento de admiração que me invade a alma pelo assombroso talento que possues na arte musical.

Helena D. NOGUEIRA.

CARTA ABERTA

A' uma distincta e illustre professora

Se as phrases escriptas neste sympathico jornal, que leio e releio pasmo de admiração, são a verdade jurada perante as cousas mais sagradas, a senhorita deixa-me perplexo...

Será possivel, que saiba mesmo o que é amar, que esteja tão insaciavel de amor verdadeiro quem só tinha prazer em mortificar os corações? Ah! senhorita, a vida tem varias phases e a sua surgiu agora!

Para que lhe serviu tanto orgulho, tanta vaidade que se não dobravam nem deante do sacrificio?

Não podia estar agora tão feliz, gozando as delicias de uma vida calma, cercada de todas as venturas?

E porque não a acceitou? E porque repudiou a felicidade que lhe sorria tão cheia de esperança, no albor da sua mocidade, desgraçando um ente que jamais soube comprehender?

A vaidade, o orgulho unicamente!

A belleza que scintilla na sua fronte, atravez dos dotes intellectuaes que a elevam dispertam-lhe estes sentimentos que a tornam infeliz e é por isto que, apezar de todo o seu talento artistico e do seu preparo intellecual, tem vivido na penumbra de uma modestia incompativel com os seus merecimentos.

Seria, si modificasse o seu genio, o encanto de um lar que se abriria risonho para recebel-a, e o anhelo de um esposo feliz; seria a perola preciosa de uma corôa imperial; seria a vida de uma vida que se prolongaria infinita; seria, finalmente, um sopro de ventura para quem a recebesse no altar do matrimonio.

Beba, pois, talentosa amiga, o fél das suas desillusões; leve aos labios a taça que offerecia, com prazer e ironia, aos que se curvavam na esperança de um olhar!

A illustre professora senhorita Helena D. Nogueira, nossa distincta collaboradora.

A intelligente senhorita Carmen Fernandes, distincta alumna da Escola Dramatica.

Aqui mesmo é que se justificam as faltas e se redimem as culpas.

O que se está passando, a luta travada no interior de sua alma contra aquillo que a sua vontade imperiosa não conseguiu dominar, é o que se chama sacrificio ou martyrio de uma vida; é o castigo da vaidade, do orgulho, dos caprichos da sua vontade, que a nada se dobra e, talvez, a purificação da alma para a vida futura, suave e feliz...

Agora que já me ouviu bastante, dir-lhe-ei quem sou:

Lembra-se de um pobre estudante de medicina que teve a imprudencia de lhe dirigir um olhar, na noite de 14 de julho, quando se festejava A Tomada da Bastilha, no Club dos Diarios? Recorda-se daquella noite, ha sete annos passados, em que a senhorita, em companhia dos seus progenitores, radiante e seductoramente bella, percorria o vasto salão, pelo braço de certo official de marinha, que a ouvia attento, parecendo beber-lhe as palavras? Lembra-se da phrase que me dirigiu, quando manifestei desejos para dansar e demonstrei-lhe a minha sympathia? Ainda terá em mente a sentença que lhe dei, sentença que hoje vejo realizada?! Pois bem, sou eu, que hoje ostento o mesmo annel que traz a senhorita desde o dia em que se diplomou e que nunca a esqueceu.

E amo-a ainda, como no dia primeiro em que a vi... Mas vou viajar; chamam-me á Suissa interesses de familia. A senhorita irá commigo, na minha imaginação...

Ha viajante capaz de esquecer a bagagem, nunca porém a graça e o sorriso que o impressionaram um dia: são recordações que a mente guarda no cofre das saudades.

Que esta sirva-lhe de lição, modificando-lhe o genio, são os ardentes votos do admirador que se sente feliz por vel-a castigada por si mesma e que se retira saudoso.

Dr. J. C. A.

Exercicios para o aperfeiçoamento da bellesa physica

Nos tempos antigos, os athenienses, sobretudo, procuravam na gymnastica, além do desenvolvimento da força e da saude, o aperfeiçoamento da bellesa physica, cujas incomparaveis formas de sua estatuaria (discobolos, hercules, corredores) nos transmittiram com seus modelos.

Platão exigia para o homem a dupla perfeição do corpo e do espirito, que era ensinadas nos gymnasios.

A exemplo desse insinamento de Platão, os grandes pedagogos modernos, Rabelais, Montagne, J. J. Rousseau, pronunciaram-se a favor da applicação rigorosa dos exercicios corporaes na educação da mocidade.

A

B

A gymnastica é como todos hoje reconhecem, um exellente meio de modificar as constituições defeituosas e debeis, de fazer com que os lymphaticos, os anemicos adquiram um temperamento athletico e musculoso e de prevenir a maior parte das molestias, devidas a diminuição do movimento nutritivo.

A marcha, a corrida os movimentos diversos, com ou sem halteres, desenvolvem os musculos do corpo. Uma gymnastica machinal, na qual o cerebro não tome parte, é uma gymnastica imperfeita, incapaz de produzir os resultados desejados.

E' preciso, ao contrario, que todos os movimentos sejam pensados e dirigidos para o cerebro.

D

De manhã, ao despertar, collocae-vos diante de vossa janella toda aberta, de pé em posição firme, aspirae o ar a plenos pulmões e depois exercitae-vos, por alguns minutos, numa gymnastica de que vamos explicar os principaes movimentos illustrados pelas nossas gravuras.

Elevae acima da cabeça tanto quanto puderdes, o braço direito, emquanto o esquerdo desce para o solo tão baixo que o possa attingir.

Depois, abaixae o braço direito lentamente á proporção que fordes suspendendo o esquerdo, repetindo a operação por um ou dois minutos.

Esses movimentos tem por fim desenvolver os muscolos do busto (fig. A).

Tomai a posição indicada pela figura B. Estendei os braços e vergae-vos até que vossa fronte possa tocar o tapete, repetindo a operação por algumas vezes seguidas.

Na posição indicada pela figura C deixai-vos cahir as pernas sobre o tapete, retendo o peso do vosso corpo, levantando-vos em seguida sem que mudeis de posição.

F

G

Deitada de costas, levantae-vos, tomando as posições indicadas por nossas gravuras D e E.

Collocada na posição da figura F, dobrae cada perna, respirando tão profundamente e por tanto tempo quanto vos seja possivel. Os movimentos representados pela figura G são semelhantes a um movimento de dansa. Consistem em lançar os braços para a direita e para a esquerda, emquanto o peso do corpo reposa sobre uma das pernas.

Com os braços estendidos, como na figura H estendei a perna direita para o mesmo lado, fazendo-a dirigir-se depois para o lado esquerdo, repetindo a operação por cinco ou seis vezes.

Na posição da figura I, descrever com cada braço estendido em semi-circulo a partir do tapete, até á maior altura para o tecto. Collocae vossas mãos como na gravura J. Apoiae-vos com força sobre ellas como si apertassem alguma cousa e sem que mudeis de posição. Elevae os braços na posição que elles occupam á altura do hombro direito, retomae a posição primitiva e repeti o movimento precedente á esquerda, e assim por diante.

C

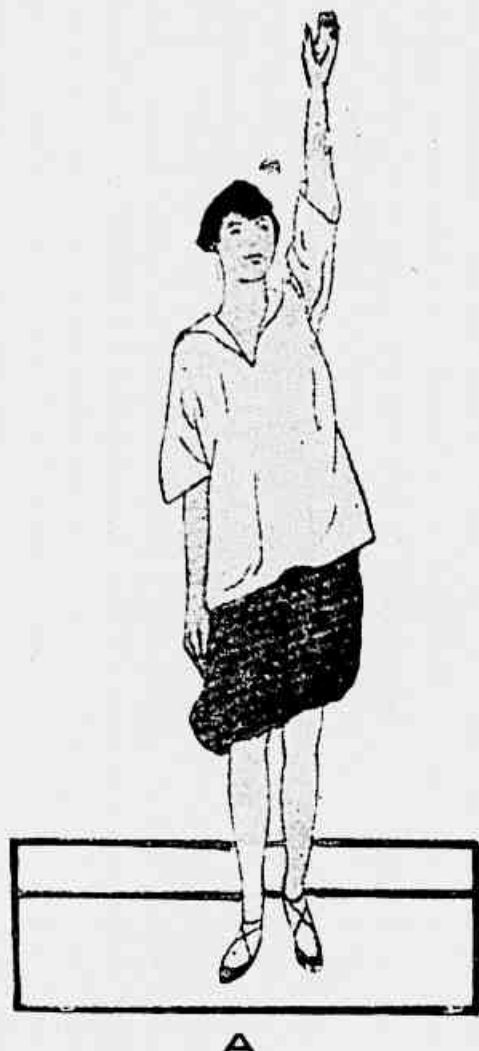
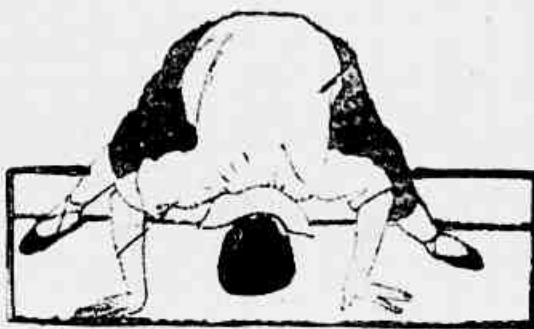
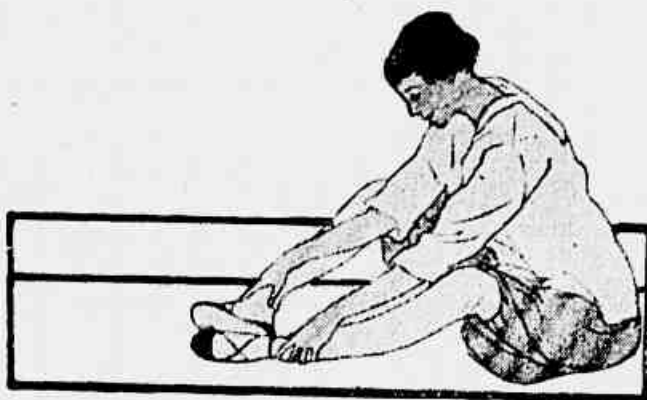
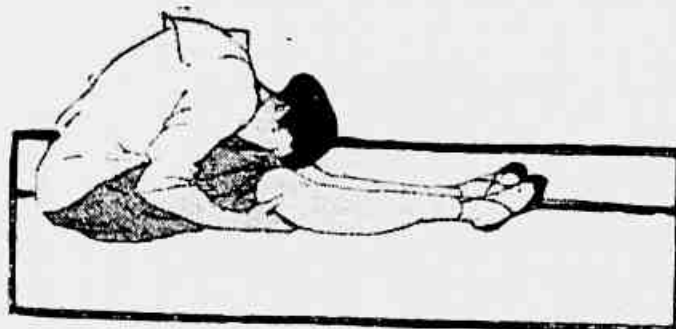
E

Collocae-vos a trinta centimetros mais ou menos da parede (Fig. K), o corpo voltado para traz e deixae-vos cahir suavemente para a parede até que vosso peito a toque. Retomae a posição primitiva com o auxilio das mãos, como vos indica a figura.

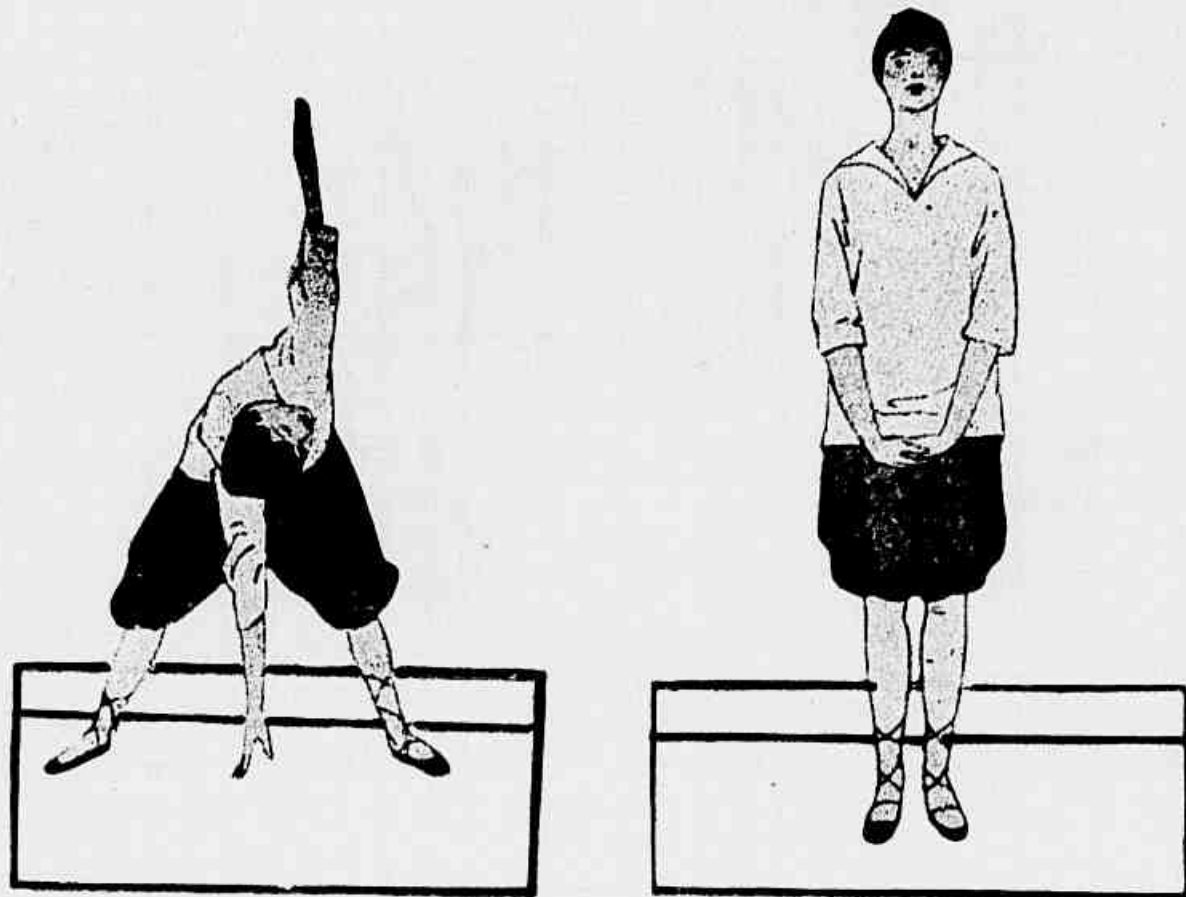
Collocae duas cadeiras conforme a figura L. Suspendei-vos pela força dos braços e deixae vosso corpo ir á frente até que as costas estejam ao nivel das mãos. Repeti diversas vezes a operação sem que jamais vossos pés tenham contacto com o tapete.

Para obter os melhores resultados, é preciso entregar-vos a esses exercios pela manhã e á noite, ao romper e ao descahir do dia, emfrente de uma janella toda aberta. Os exercios devem ser sempre moderados e reflectidos.

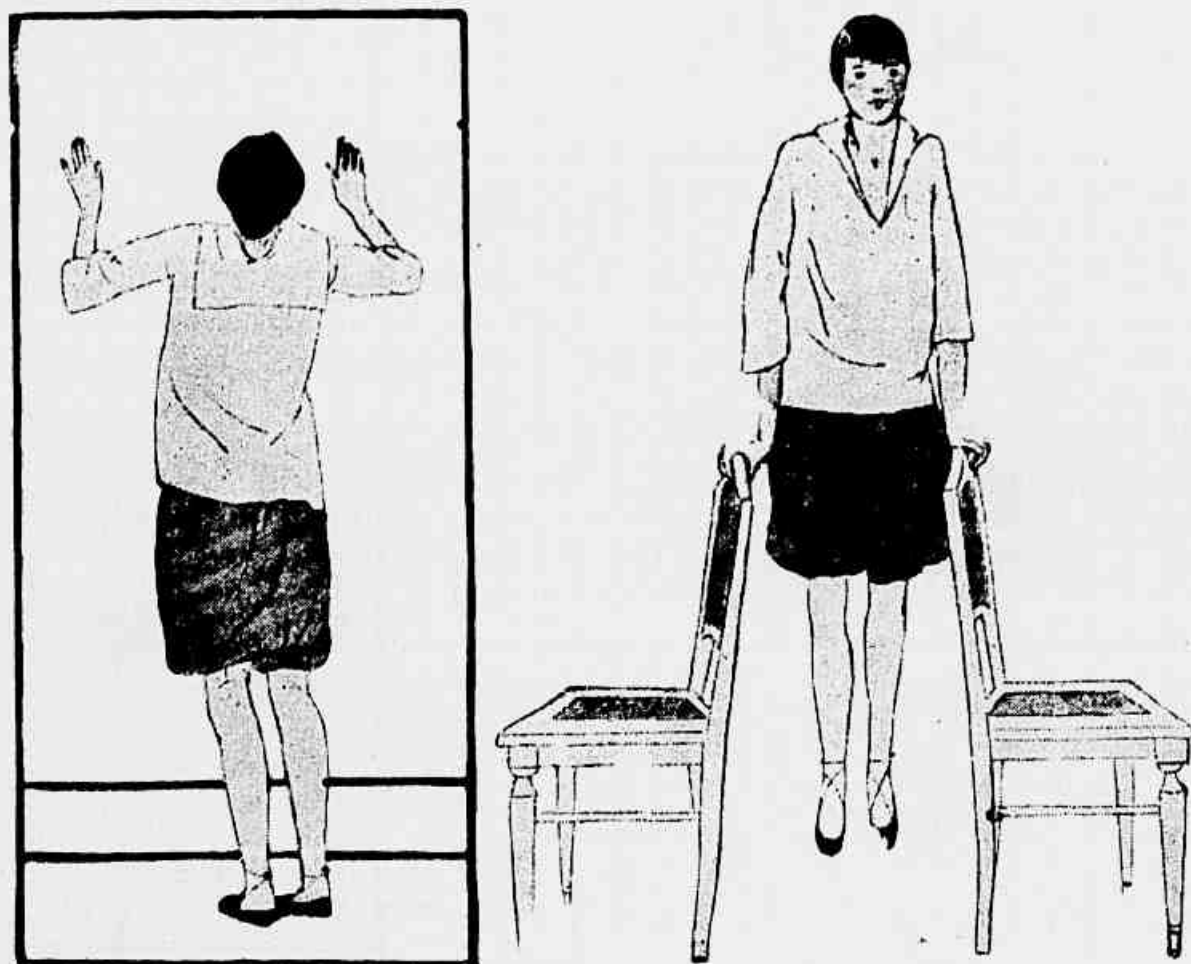
Tambem é preciso que o corpo seja uma força pensante e não uma simples machina.

H

Mantei-vos sempre com a maior firmesa physica: que o vosso corpo esteja sempre numa posição tal que, tirando-se uma linha recta, esta passe por vossas orelhas, vossos hombros, vossas cadeiras, vossos joelhos e planta dos pés.

Estudae vossa posição diante de um espelho até que a possaes manter sem o menor esforço. Dobrae o corpo para

I J

a fretente e para traz, para a direita e para a esquerda, servindo os artelhos de *pivot*.

A' proporção que vos fordes tornando senhora dessas varias posições, o corpo poderá descrever circulos mais extensos.

Repeti este exercicio todos os dias, de manhã e á noite, e algumas vezes durante o dia. Ao cabo de um mez esta-

K L

reis com «a balança» de vosso corpo e vossas articulações funccionando livremente.

Uma vez que tiverdes adquirido essa certeza de movimentos, essa «pose» correcta que se chama «balança», nunca mais a perdereis.

Praticae a respiração profunda, mantendo a cabeça muito alta, os hombros em linha com as orelhas e o peito para a frente. Aspirae lentamente pelo nariz, contando até sete. Retem a respiração contando até tres. Respirae rapidamente. A ope ıção deve ser repetida augmentando sempre o tempo de duração.

A UNE INCONNUE

Il y a longtemps dejà que je partis un jour,
Heureux de mon espoir, heureux de mon bonheur,
Marchant en Menestrel, moi le Poête rêveur,
A' la conquête idéale et inconnue de l'amour !

O' Princesse Lointaine, endormie dans ta cour
Tu m'attends à cent ans por reveiller ton coeur,
Pour casser tes tourmentes, pour casser ta douleur...
C'est pour ça que je marche et je cherche toujours.

Je suis le pelerin de l'Amour et du Rêve,
Qui marche infatigable et qui marche sans trève,
Cachant, silencieux, tout son orgueil de fort...

Ton nom... je ne sais pas. Seras-tu brune ou blonde?...
Mais je sais que j'irai jusqu'au bout, dans le monde,
En te cherchant, mon seul, mon inconnu trésor !

Caio de Mello Franco.

SAUDADE

Para o bello espirito de A. B.

Recordo-me que, hontem á noite, a minha imaginação, livre como uma borboleta, percorreu a vasta região dos sonhos, idealisando chimeras, divagando, emfim, pelo mundo azul da fantasia.

E foi tão alta a ascenção, que, encontrei no Ethereo, um castello sumptoso, mas de um estylo severo, aspecto triste e silencioso; parecia deshabitado.

Reparando-se bem, sentia-se uma sensação indifinivel, mixto de tristesa e de respeito, ante aquelles portaes, sanefados de cortinas roxas; e foi tal a tristesa que infiltrou-se no meu ser, que, ardentemente, desejei saber quem habitava aquelles logares, tão ermos de alegria, de esperanças e de amor.

Entrei.

No salão, uma virgem, envolvida num longo manto de violacea côr, desfolhava tristemente uns goivos; de aspecto meigo e triste, realisava o typo ideal do Poeta, tal a sua pallidez marmorea; na noite dos seus negros e avelludados cabellos, havia qualquer cousa de mysterioso e impressionante; tão recolhida estava, que nem reparou na minha presença, tive a dolorosa impressão de achar me em frente á Propria Estatua de Dôr. De leve, toquei-lhe no hombro e docemente perguntei-lhe: «Como te chamas, doce virgem, e porque o calor da tua juventude não anima as tuas pupillas tão puras ?

Quero saber quem és, e, porque, através do teu olhar sombrio, não se nota um vislumbre de alegria; fala, conta-me, as tuas magoas e convence-te que, em mim, ellas encontrarão echo; quem sabe se o meu coração não será irmão do teu?» E a virgem suavemente assim falou-me: — « Pois bem, em breve has de saber quem sou.

Habito nas almas que soffrem; nos corações feridos, pelos golpes penetrantes de uma amisade mal recompensada; sou a companheira das virgens que pranteiam a queda do seu primeiro amor; das noivas que se abraçam aos noivos, na commovente hora da despedida; das esposas, que loucas de dôr, assistem o ultimo adeus dos maridos, no supremo momento de desligar-se da vida terrena. Chamo-me Saudade.»

A virgem pendeu tristemente a fronte e dos seus olhos de sóes, deixou, cahir a luz liquefeita de suas lagrimas. Deixei a sua morada, sentindo ainda em meu coração a influencia do seu olhar magoado e triste; e desde então comprehendi, porque o meu coração soluça, porque a minh'alma chora...

Fransil.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Fazem annos neste mez:
Em 16 o Sr. Octavio de Carvalho Pereira Cardoso, funccionario da Imprensa Nacional.

×

Em 19, a senhorita Córa Pereira Cardoso, dilecta filha da viuva Pereira Cardoso e a Exma. Sra. D. Idalina Colombo, esposa do nosso amigo Cap. Idibaldo Colombo.

×

Em 20, a Exma. Sra. D. Emilia Augusta Pereira, progenitora dos Srs. Oscar, Ernesto e Francisco Pereira.

×

Em 30, o interessante menino Adino, filho do Sr. Octavio de Carvalho Pereira Cardoso.

×

Completou no dia 8 do corrente mais uma primavera, a intelligente e graciosa senhorita Aracacy de Toledo, que tão brilhantemente acaba de sair-se em seus exames escolares.

×

Festejou a data de seu natalicio no dia 9 o Sr. Luiz Carlos de Moura.

×

No dia 31 do mez findo o Snr. Antonio Gonçalves teve a ventura de festejar em sua residencia, em Botafogo, o anniversario natalicio da sua filhinha Lucilia.
Por esse motivo a anniversariante foi muito cumprimentada pelas suas sinceras amiguinhas.

×

Fez annos no dia 6 do vigente a gentil bambina Nair Guimarães, filha do Capitão-tenente Americo Guimarães.

No dia 13 festejou o seu anniversario natalicio, o Sr. Arnaldo Cruz, nosso amigo, digno juiz de paz em Lavras.

×

O nosso distincto collaborador Pericles Maciel fez annos no dia 10.

Senhoritas que serviram o chá na festa de Caridade em beneficio das Moças Solteiras

No dia 23 do corrente completará mais uma ridente primavera a elegante senhorita Alsacia de Carvalho.

×

No dia 25 do mez findo passou o anniversario de casamento do Sr. Felix Joaquim dos Santos e de D. Maria Albertina Cassão.

Uma das barracas da Festa de Caridade em beneficio das Moças Solteiras

CASAMENTOS

Realisou-se a 6 deste mez o casamento da senhorita Engracia Luiza Gonçalves, professora normalista, com o Sr. Alvaro Pinho da Silva, funccionario da Bibliotheca Nacional

×

No dia 7 effectuou-se o enlace matrimonial da senhorita Attila Branco com o Dr. José Marques Porto.
Foram padrinhos da noiva, no civil o Dr. Jesuino Mattos e D. Rita Farias, e no religioso o Sr. Julio Pedroso Lima e sua Exma. esposa; e do noivo, no civil, o Dr. Emmanuel Marques Porto e no religioso o Dr. João Marques e Exma. esposa.

×

Contratou casamento com a senhorita Olga da Fonseca, o Sr. Odon Doria, auxiliar do commercio desta praça.

×

Com a senhorita Virginia Marques Ferreira, filha do Sr. Antonio Ferreira, contratou casamento o Sr. Pedro Pereira de Lima, distincto funccionario da Fabrica de Cartuchos do Realengo.

×

O Sr. Adamastor Emilio Haydt, aspirante do Exercito, contratou casamento com a senhorita Dulce A. Motta, filha dilecta do maestro Alberto Motta.

Alumnas do Instituto Secundario Feminino

Alumnas do Instituto Secundario Feminino

SONETOS

CARNET

A quem amo

Dizes que te não amo, que te minto
Quando em amor te falo, e no emtanto
Bem vês o quanto soffro, o quanto sinto
Por causa desse amor tão puro e santo.

Do futuro inditoso eu já presinto
Envolver a minh'alma o negro manto,
E tu, que vês no meu olhar extincto,
O recente vestigio de meu pranto,

Dizes que eu te não amo, que é perjuro,
O meu amor sincero, amor tão puro,
O meu profundo amor tão vero e crente.

Tu, sim, que me não amas! No presente
A minh'alma atormentas... E o futuro
Sorrindo me annuncias cruelmente!...

Rio—17—7—1915.

Estrella d'Alva.

HYMNO AS ARVORES

Para Carvalho Guimarães

Tendo em volta de mim o tremulo arvoredo
Ao grande farfalhar de movediça coma
Cada galho desprende um potente segredo
Que a Natureza guarda — em graça polychroma.

Tomba uma folha e, vejo entre esse verde lêdo
Perdidas illusões em perigosa somma,
Emquanto me equilibro entre esperança e medo
No gozo de sorver oxigenado aroma!

Arvoredo formoso, amo-te a grande e forte
Cabelleira da côr da zaratite linda,
Farfalhante, ao soprar symbolico do norte.

Nesse teu pedestal, magestoso e superno
Elyctro protector duma belleza infinda,
Gravo todo o meu culto em um ritual eterno.

Violeta-Odette.

Annuncio

Eu tenho um coração a transbordar de affecto,
Dum affecto tão puro, santo e delicado,
Pr'a dal-o a uma mulher e ser ella o objecto
Do amor mais casto e puro e apaixonado

Debalde, emtanto, eu busco quem o queira
Não ha mulher nenhuma que o acceite.
E vou vivendo assim, d'essa maneira...
Sempre a soffrer, sem que ninguem suspeite.

Eu dou meu coração! Mas quem o quer?
Onde está esse anjo, essa mulher
Que queira o meu affecto tão sincero?

Eu nada peço em troca. Apenas quero
Que ella se deixe amar com são respeito
E que o meu affecto abrigue no seu peito.

15—10—15.

A. Pereira Jorge.

FITANDO-A...

Quando em seus olhos os meus olhos fito,
Minha'alma em sonhos divinaes vagueia,
Não ha mais doce, mais gentil cadeia
Que prenda mais que esse olhar bonito!

Meu poema de amor, um infinito
De sonhos, de illusões nelle pompeia,
A chama do desejo em mim se atteia,
Quando em meus olhos os seus olhos fito!

E' muito bella, é mesmo p'ra orgulhar-se,
E com justa razão pode ufanar-se
Porque é d'entre todas a primeira:

Eu quizera fazer desses olhares
Meu amor, minha crença, meus altares,
P'ra passar em tormento a vida inteira!

Victoria, 915.

Alberto Guimarães.

CONCORDANCIA

A Waldemar Pequeno

Como eu concordo com a Natureza!
Si me desperto e o dia está nublado,
Occulto o azul do céo, tudo calado,
O mau-humor de mim faz uma presa.

Porém quando a manhã é uma belleza,
Quando ha luz, quando é orchestra a selva, o prado,
Tudo a saudar o sol alcandorado,
Sou tambem alegria com certeza.

Muita vez serenisa-me um crepusculo,
E de facto, o que existe mais bonito?
Em mim socega musculo por musculo;

Extactico no espaço os olhos fito,
E vou minguando... mais... fico minusculo...
E extingo-me espraiado no Infinito.

Bello Horizonte, 9—3—1915.

Campos do Valle.

MENTES

A' Mlle. O. A. C.

Quando mentes, ó flôr, dá-me vontade
De beijar-te a mentira, sorridente,
Pois nella vejo um quê casto, innocente
Como expressão de tua curta idade.

E' pelo goso de mentir somente,
Só pela acção de uma necessidade
Que impelle o coração da mocidade
Para essa falta que já se não sente.

Cada mentira que na tua bocca
Sorri de leve, nesta alma quasi louca,
Faz sorrir e chorar na mesma hora.

E' que ella gosa, anceia, arde, delira,
Ao sentir que essa angelical mentira
Teus castos labios com primor enflora.

José Carlos da Silveira Reis.

EXTREMO APPELLO...

Ao meu Oswaldo

Sem ti!... é-me a vida uma noite escura, sem estrellas; um lyrio fanado, cujas petalas amarelladas já não conservam o odôr embevecente.

A mim mesma pergunto, como poderei viver sem ti, se é de ti que eu recebo o segredo vital, essa força occulta, que se não conhece e que se sente latente, borbolhando em nossas veias, em arrojos de temporal, em arremeços de oceano rebelde?!!!...

O nosso passado!... aquelle mesmo, donde emana cruciante esta *saudade imperecivel*, que me sepulta em vida, mortificando-me o coração e o espirito.

Já não te lembras mais do nosso passado?!

Recordo-o sempre, nestes longos e atormentados dias da tua ausencia, em que me abysmo na pesquiza de sonhos, com que possa illudir algo a pagina negra de minha vida d'agora...

Noites placidas de luar morno, em que vivias ao meu lado, e eu sopitava, então, o grato ensejo de perfumar os teus labios, num phrenezi irreflectido de affecto, deixando que a alma se ascendesse para o empyreo de um goso de eleitos!...

Tua bocca! — escrinio de perolas raras — quando a osculava, o rumor de nossos osculos, leves e cariciosos trazia-nos a idéa de flores de biscuit chocadas no silencio religioso dos templos! E era dessa bocca idolatrada, que eu furtava o colorido roseo para a paisagem do meu *futuro frustado*, do mesmo modo que, das rosas, se tira o succo para carminar a face dos anjos!

Ah! que saudade infinita dos teus labios e dos teus beijos.!!

O teu sorriso, nunca mais esquecerei!... era um segredo mystico, uma pagina dubia de mudas expressões, que eu traduzia em vividas esperanças, com ellas decorando minh'alma embevecida de amor.

Senhorita Lucy Cunditt Guimarães

Soffro... E' facto...

E, desse soffrimento é que me vem a idéa da vida; senão dexar-me-ia ficar aos baldões de um amollecimento do sêr, *sepulta* na inercia anodina, incolor...

Soffro!.... Eis porque sei que vivo...

No aureo relampago do teu olhar, eu senti, tantas vezes, um novo encanto feérico, uma nova esperança, uma alegria remoçada, uma outra vida viril e palpitante, se, acaso afflorava-me um desfallecimento...

E' que teu olhar tinha o condão fakiriano de resuscitar os tombados sonhos, possuia o oleo encantado, que lubrifica, que encoraja e mata... de amor... de amor sómente...

Ouve este appello, Oswaldo sempre idolatrado; escuta este protesto ultimo de meu coração crucificado.

Attende a supplica derradeira de minh'alma desvairada, quasi morta de frio e de *saudades*! Vem! sem ti, não sei nem posso viver?

Vem, oh! vida da minha vida! Vem complemento do meu ser — tão infeliz!!!

Vem, sim?

Rio 1º de Outubro de 1915.

Corina.

SCISMAS

A' D. F.

A nuvem que celere passa, pondo na immensidade do azul um floco de alvura, amolda-se a meus olhos em um vulto vago da mulher que povoava meus sonhos de hontem e sorri hoje, em minhas saudades...

A briza mansa da tarde que me inebria com o aroma roubado aos silveiraes floridos vae sussurrando por entre as ramagens do arvoredo a symphonia da voz que foi o *Te Deum* de meu primeiro amor e é hoje o *De Profundis* de meu coração desilludido...

A vaga empolada, que se vai arrebentar em catadupas de espuma na penedia, vive cantando, no seu rugido continuo, a melopéa do nome que foi a delicia vaporoza dos dezanove annos e é hoje a recordação de um passado feliz que lá se vae...

A nuvem que passa, a brisa que soluça e a vaga que geme são a synthese de tudo o que sente minh'alma, do que chora meu coração. E eu tenho vontade de viver outra vez aquella vida de hontem, naquella quadra que foi boa e que "só eu sei porque só eu senti".

São João, 20 de Outubro de 1915.

Z. L.

Meu amado:

Esta cartinha, prova evidente de um amor immorredouro, vae por certo levar paz ao teu coração, lenitivo ás tuas cruciantes magoas. Si é na ausencia que o amor tem mais existencia, si é nella que percebemos a grandeza deste nobre sentimento, deixa-me repetir os psalmos do verdadeiro affecto, deste affecto que dissipa as nuvens de dissabores que toldam o firmamento azulino de minhas esperanças.

Partiste sem que te podesse dizer adeus! Sem ao menos poder confirmar um sentimento, que já devias suspeitar.

Seguiste tão bruscamente, sem que podesses avaliar a extensão da minha dôr, no momento do cruel apartamento!

Hoje, vivendo apenas deste amor que é o meu lenitivo na estrada tormentosa da saudade, recordo o passado, e crente na tua sinceridade, confiante em Deus, espero o dia feliz do teu regresso.

Volta! E comtigo virão todas as minhas crenças e venturas que se ausentaram, desde o momento da tua partida.

Nicteroy.

Zilêa

As senhoritas Stella e Olivia, filhas do Dr. Francisco Xavier Junior, residente em Parahyba do Norte

Depois de tanto tempo de silencio, queridas leitoras, volto a conversar convosco, com aquelle desapaixonadamento quasi christão que, decerto, tambem proteje o espirito de algumas dentre todas vós. Comprehende a maioria, ser a critica o resultado dum escarneo insultuoso, a furia tenebrosa de humilhar, o desejo grotesco de ostentação a custa de supplantar os demais... Engano, puro engano.

A critica é o resultado de observação mais ou menos intelligente, o testemunho de tendencia á analyse e o resumo ligeiro do que constitue as proprias idéas.

Ha tempos, falei da attitude das nossas jovens e da tendencia manifesta de firmar um caracteristico de graça feminina. Não encontrei, porém, no terreno da esthetica impeccavel, um alvo de attracção infallivel, vendo muitas vezes, o exaggero ou a affectação, nullificar a graciosidade natural em toda a linha.

Hoje, as saias elegantes não permittem a impudente ostentação das pernas, mas o celebre exaggero destróe a conveniencia e, a curteza dellas, veio substituir a estreiteza das saias antigas. Mais alguns centimetros desprezados e... ao atravessarmos as bellas avenidas, encontraremos dansarinas indianas por todo lado!

Senhorita Algecira Soares, residente na estação de Madureira

As que abuzam disso principalmente, são as "demoiselles" de 40 annos; isso é perceptivel ao primeiro olhar.

Para mim, a moda é sempre bella e sempre deliciosa, porém o que não é delicioso nem bello é o impertinentissimo exaggero que desmoralisa tudo que ha de artistico e attrahente com a consolidação do grotesco.

Primeiramente as "jupes-entravées" difficultando os movimentos dos membros inferiores e esguios das nossas jovens, emprestavam-lhes uma apparencia de Dryades ambulantes; hoje: eil-as transformadas inteiramente... Parecem apologistas da tanga indigena, tal a certeza com a qual caracterisam os modernos "saiotes". Edifficante!

Bem sei que tudo isso é questão de gosto mais ou menos apurado; entretanto, a ostentação frequente de desprendimento ou de illusão infantilisada, queridas leitoras, é a verdadeira, a completa, a intoleravel offensa ao Bello que é inconfundivel.

Já que impera a angulosidade rectilinea da forma entre a mocidade feminina, é preferivel, seja abandonado o exaggero que lhe rouba o encanto de leveza de pluma e offerece o espectaculo de um bando de avestruzes depennadas. O segredo da elegancia é irmão gemeo do segredo da belleza.

Vidette

MIRAGENS

Em o numero passado tivemos occasião de noticiar e agradecer a delicada remessa de um mimoso volume de versos com o suggestivo titulo de *Miragens*, firmado pela poetisa Esther Ferreira Vianna.

A autora logo ao abrir o livro, deixa-nos diante de um pedido de indulgencia na apreciação que por ventura possamos fazer de seus versos, attendendo ao facto de constituir este bem cuidado volume os seus primeiros passos no florido jardim dos habitantes da Castalia. Foi com indulgencia, pois, que passamos em revista os seus primeiros ensaios poeticos, verificando effectivamente que, apezar de alguns deslises no trato com a musa, mesmo assim, das 94 paginas de que se compõe o livrinho, sempre nos surgiu uma dellas envolvendo uma empolgante e risonha Marinha com o titulo de

Quietação

Azul o céo, o mar azul, o infindo
Do além perdido.,. pelo além a fóra,
Que doce quietação sinto nessa hora
Em que o olhar, no além, vai-se extinguindo

O sol cambou, serenamente agora,
Nuvens brancas, em bando, vão-se unindo
Formando um quadro refulgente e lindo,
Como a rosea alvorada d'uma aurora!

Soltas as vélas, do labor voltando,
No barquinho impellido pelo vento,
Vê-se o barqueiro, o pescador cantando!

E quando o rico na opulencia geme,
Elle—encanto d'aquelle encantamento,
Sente-se tão feliz guiando o leme!

que, só por si, de certo modo, recommenda as producções da novel poetisa.

MODAS E MODOS

NOS ultimos figurinos nota-se já uma ligeira modificação no feitio das saias e o mesmo se observa em relação ás jaquetas e blusas, pondo-nos de sobreaviso á espera de uma nova phase por que vai passar a moda.

Os chamados trajes militares não tiveram o exito que esperavam os seus creadores. Parece que a mulher repellindo-os quiz fazer um protesto mudo contra a guerra cruel e dolorosa que devasta a Europa.

De facto, os themas da guerra para as modas tem apparecido em abundancia, porém não mereceram grande acceitação e não passam de tentativas, de duração ephemera.

Parece até que a moda perdeu seus directores e inspiradores de outr'ora ou que elles, no cumprimento de um dever patriotico, estão actualmente batendo-se nas trincheiras, nos campos de batalha.

De fórma que, na falta da iniciativa dos mais competentes e experimentados, parece, que o que se tem feito nestes ultimos tempos, é apenas uma recapitulação dos volumosos tomos da historia dos vestuarios, porque, realmente nenhuma creação nova, genuinamente original, tem surgido e nem se deve esperar que appareça antes de terminar a guerra.

A unica novidade, actualmente em Paris, consiste no uso de joias feitas com estilhaços de granadas e outros projectis de guerra, e que têm tido um exito completo.

Não se trata de joias compradas ao acaso, mas de uma joia pessoal, uma especie de reliquia que encerre uma recordação saudosa e grata para quem a possue.

Lemos em uma revista que uma senhora, seguindo o exemplo de outras, fez de um estilhaço de granada que ferira seu marido um broche e um annel. Aliás, não é um caso inedicto, pois as senhoras portuguezas, antes da guerra, já tinham lançado esta moda, mandando fabricar joias e pequenos objectos de adorno feminino com pedaços das balas disparadas em 5 de Outubro e 14 de Maio.

Toilette para passeio em baptista de salpicos, saia com volantes de renda ou bordados, mangas curtas, golla alta e peitilho de musselina com renda

"Parece que ha um contraste entre o effeito sangrento das balas e a delicadeza da mulher, disse elegante chronista, mas ha uma attracção tão solemne na bala que merece ser objecto de tão intimo fetichismo, seduz e suggestiona tanto, causa tanto reparo deixal-a perder-se, cahida, enterrada, depois de haver sido irreparavel dilemma para uma vida ou tão mortal inimiga, que se converte a bala que feriu, matou ou podia matar, em alguma cousa viva e terrivel. Talvez por estar dotada de melhor delicadeza de percepção, de maior sensibilidade, a mulher sentiu este aspecto intimo da bala e tentou dar-lhe de algum modo toda a sua importancia, perpectuada em suas joias e adornos, talvez com a secreta esperança de dulcifical-a assim, de fazel-a inoffensiva até que, um dia não existam sinão essas balas repartidas nesses pequenos objectos de ourivesaria, como uma recordação dolorosa e amarga".

A linguagem das luvas

Deixar cahir uma luva quer dizer— *Sim;* enrolar as duas luvas com a mão direita, quer dizer *Não.*

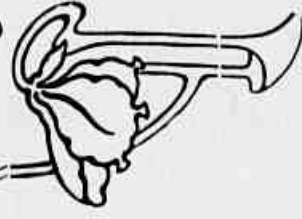
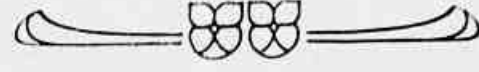
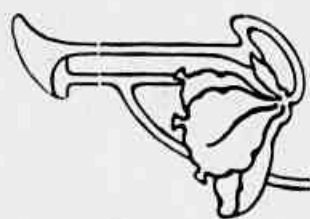
Para exprimir indifferença deixa-se calçada a meio a luva da mão esquerda e si uma senhorita quer dar esperanças a seu pretendente, bate ligeiramente com a luva no hombro esquerdo.

"Desejaria estar a seu lado", se diz estirando as luvas suavemente, e "Estais sendo observado" enrolando-as entre os dedos.

Para perguntar se si é correspondida, calça-se a luva da mão esquerda, deixando de fóra o dedo pollegar e para fazer a declaração "Amo-te", deixam-se cahir ambas as luvas.

Para demonstrar desgosto, bate-se com a luva nas costas de uma das mãos e si o desgosto chega até a colera, tiram-se ambas as luvas nervosamente.

Para refrigerar e assetinar a pelle

Trituram-se em um gral de pedra 33 grammas de assucar refinado e 19 gottas de balsamo de Meca e uma gema de ovo. Mexe-se com uma espatula e derrama-se-lhe aos poucos 180 grammas de agua de rosas distillada. Unta-se, á noite, o rosto e no dia seguinte lava-se com agua fria.

Elegante toilette para passeio, em seda; saia dupla franzida na cintura, com ponta em baixo, ao lado; *corsage* com suspensorios, golla alta e mangas compridas com punhos de *lingerie-plissé*.

Toilette encantadora, em teffetá; saia ampla, lisa, guarnecida de *ruchés* cinto largo franzido da mesma fazenda; corsage aberto, com *revers-plat*, debruado de *ruchés*, e o mesmo nas cavas da manga; peitilho de renda ou *laise*, golla alta no mesmo genero.

Costume tailleur em gabardine, *dernier cri*, saia pregueada, jaqueta com cinto e *basques* á frente pregueada, e fechada por oito botões cobertos do mesmo tecido. A parte trazeira da jaqueta mais comprida; golla alta virada em tecido phantasia e mangas compridas com canhões.

O VESTIDO CURTO

A's temporadas, faz o tempo reviver umas tantas modas salutares.

Parabens, pois, ás nossas gentis patricias por essa louvavel innovação, que ora por ahi se vê, do vestido curto, e praza a Deus que a conservem por muitos e muitos annos, indefinidamente mesmo...

Afóra a questão da esthetica, tudo lucra com a reducção do vestido: ha economia de material e de lavagem, ha hygiene, limpeza e commodidade.

A esthetica soffrera, porventura, com a exhibição de um começo de perna mal lançado ou de um pé que não muito se pareça com o decantado por José Bonifacio — "aquelle pé de matar gente e pisar flores"...

Porventura, dizia eu, porque nem sempre o pé avantajado ou a perna toruda serão pedra de escandalo para a dona que os possuir.

Se o pé, via de regra, está em relação com o desenvolvimento geral, podendo mesmo ser um dos módulos da estatura, isto é, se cresce na razão directa do corpo, basta isso para desfazer o que á primeira luz parecia um defeito.

Ademais, não são raros os detractores do typo miudo ("mignon" dos francezes), admirando ao envés os typos fortes, sadios e alegres, cujo exemplo mais frisante se nos depara na doce paz dos campos, (como lá dizia o Virgilio), na raça varonil e pujante das das nossas, bellas patricias sertanejas.

Pelo commum, quando o pé não é pequeno e a estatura tambem é grande a saude não é menor. Isso, porém, de accordo com a physiologia e seus dictames, com a vida primitiva e natural do homem, em cujo ambito, ai de nós! raramente nos mantemos, deixando-nos levar, de boa sombra, pelos desgarrões do vicio, da imprevidencia ou da extravagancia.

A supra-feita defesa das macropodes é extensiva aos artelhos mal conformados, grossos, cepudos, emfim, na expressão do immortal Camillo.

De resto, o vestido curto admissivel e aconselhado, sel-o-á sómente dentro de certos limites compativeis com o decoro individual e collectivo. Assim sendo, quasi ficam só na estacada o pé e a região do tornozello.

Menos disso será abuso, despejo, desenvoltura que devemos relegar a quem delles costuma fazer praça.

Nos livros de hygiene encontramos, que farte, basta série de bons conselhos sobre o vestuario em geral e maiormente sobre o feminino que mais caprichoso se entremostra.

A ultima moda de Paris — Modelos originaes da casa Drecoll

Quem delles, entretanto, toma conta? Quem delles se compenetra?

Ninguem ou quasi ninguem.

O trajo feminino é e tem sido, pelos tempos fóra, mais um desafio ao sexo forte (e ao fragil tambem), que uma necessidade reclamada pela civilização.

Furtamo-nos aqui, accintemente, á ingrata tarefa de adduzir as provas do que chegamos de affirmar. Quem tiver olhos que veja, pois o facto é comezinho, flagrante e publicamente notorio...

Mas, por ser e ter sido, deverá continuar? Onde, então, as luzes e os progressos que nos herdaram nossos maiores

Temos para nós que devemos servir principalmente para dois fins, qual a qual mais grandioso: — illuminar o cerebro e purificar o coração.

Nestas duas aspirações devem-se resolver todos os nossos esforços no diuturno mourejar dessa existencia ephemera, que mais hoje mais amanhã nos irá deitar á sombra triste e consoladora do cypreste amigo...

Com S. João, porém, receiamos estar prégando ás areias surdas dos ermos, ás solidões indifferentes do deserto: "vox clamantis in deserto"...

Embora, será mais uma voz que se extingue nesse tumultuoso sussurrar da humana colmeia, mas será tambem mais uma martellada na officina dos nobres ideaes.

Assim, no rodopello dessa guerra apavorante que sacode o velho mundo, apagando com sangue as luzes do nosso seculo, soldados sáem e soldados entram...

Com tintas negras pintam os hygienistas os maleficios dos vestidos longos, roçagantes. Com as palavras mais calorosas, fazem a apologia do vestido curto, ou melhor, do vestido "hygienico", que outro melhor nome não lhe achamos.

Héricout (*), por exemplo, assim se expressava: o vestido longo é um escandalo hygienico intoleravel; levanta em torvelinos, a poeira immunda das ruas, e, em grande quantidade, introdul-a no interior do corpo.

Ora, a rua, nós o sabemos, é o grande reservatorio commum, onde a poeira das mais diversas proveniencias, continuamente se renova e perpetua: é a excreção dos animaes, a expectoração dos doentes, a graxa dos automovis, a lama dos calçados, a ponta dos cigarros e charutos, a lata do lixo subvertida pelos cães, a carroça do lixeiro que extravassa, o tapete que se bate, o solo que se esborôa, etc., etc.

Essas poeiras são perigosas assim mecanica como pathologicamente, pela variedade infinita de germes que podem

vehicular. Não os particularizamos aqui por não nos alongar demasiado nem exorbitar da traça a que nos cingimos

Digamos apenas, de vôo, já que se nos ageita o lanço, que o sarampo, a escarlatina, a grippe, a tuberculose, a coquelu che (ou becortopnéa), a variola, não falando das pequenas corizas, bronchites, etc., digámos que tudo isso, o perigoso e molesto vestido longo pode levar para casa, depositando-o nesses famosos tapetes, — seu ninho predilecto — e onde as ubiquas creanças tanto gostam de armar seus arraiaes de patuscadas...

Pelo que temos expendido, a conclusão impõe-se irresistivel, irrefragavel: saias compridas são incommodas, sujas e perigosas.

Mas apezar disso, prosegue Héricout, senhoras que se negam a levantar do solo um objecto qualquer para não sujar os dedos; mães que cercam seus filhos com os maiores carinhos e tudo affrontariam para lhes poupar uma doença, passeiam essas senhoras pelas ruas com longos vestidos, varrendo-as inconscientemente e para o lar levam essas mães toda a immundicie virulenta que nas saias recolheram e com a qual contaminarão seus filhos os dedinhos, passando-os depois á bocca, exercicio tão delles predilecto...

Bemvindo seja, pois, o vestido curto, minhas senhoras, que vos traz o desembaraço, o asseio, a saude e esta, deveis saber, é um dom preciosissimo a que nada se pode comparar como diz um proverbio allemão: "Es geth Nichts über die Gesundheit".

Tolerae que a moda estreite, alargue, franza, franja, pregueie e repregueie os vossos vestidos, mas não mais tolereis o leve até o solo que o suja, estraga e, fim de razões, torna-o perigoso e malfeitor.

Podeis fechar os olhos á evidencia, desprezando os bons avisos da hygiene e seguindo os caprichos ridiculos da moda, fugindo á luz e buscando a sombra, mas, nem por isso, a verdade será menos cruel e inexoravel.

DR. Alipio MACHADO.

Rio, 5 — VIII — 915.

(*) L'hygiéne moderne, Paris, 1910.

A MODA INFANTIL

MODELOS SIMPLES E PRATICOS PARA MENINAS

BLUSAS

O elegante chronista Hernani Dupin, escreveu sobre blusas modernas o seguinte interessante artigo:

«Blusas, blusas... Ha-as em crépe, pretas e reluzentes, para finados; ha-as em setim, em seda, em étamine, das mais elegantes e vistosas, para casa, para reuniões e para passeios; ha-as nos mais simples como nos mais exquisitos feitios, desde a que se faz com tres ou quatro costuras a que, com seus enfeites, seus recortes, golas altas, guarnição emmoldurando o peito e os canhões, pregas nas mangas, todo um mundo de delicadissimos nadas, exgotta a paciencia aos mais perfeitos costureiros; ha-as ás centenas, tanto recebidas recentemente da Europa como confeccionadas nas afamadas officinas de acreditados estabelecimentos.

Por entre a multidão dos casacos, dos paletots, dos manteaux, destacam-se nos mostruarios, as blusas de crépe da China, de varias côres, guarnecidas com setim liberty preto, gola alta com barolet de musselina de seda, e abertas; as de seda, com mangas genero kimono, peitinho de collete recortado, formando elegantes algibeiras; as de roda. franzidas nos hombros, com grandes «emmanchures», de sob os quaes se desprendem as mangas em voile de seda; as que ostentam golas altas com fita passada de velludo estreito e graciosamente decotadas; e ainda as de opal, as de seda listrada de preto e branco, com decote, apresentando gola e canhões em orlandi branco, com flôres bordadas a preto...

Ha, numa palavra, innumeros interessantissimos modelos, para todos os paladares e para todos os physicos, desde o mais franzino ao mais robusto; ha-as em todos os tecidos, em todas as côres, lisas como um crystal polido ou franzidas, com mil preguinhas e mil tremidos, como a superficie de um lago arrepiado pelas gottas de uma chuva batida de vento e de granizos...»

Blusa de tecido raiado

Blusa em voile

Blusa em marquisete e rendas

Blusa em crepon floristado ou etamine

Blusa em nansuk branco

Na orphandade...

Mãe! quanto eu era feliz quando vivia ao teu lado, pobre na apparencia, porém rica de teus beijos, muito rica de teus carinhos, rica ainda de teus afagos, emfim, riquissima de teu amor materno!...

Mas, ah!... Faltando um archanjo para a sua Gloria, Deus, baixando os olhos a este mundo, procurou a Bondade, a Pureza, a Meiguice, a Virtude personificadas, para supprir aquella falta, e, de quem havia de se lembrar? — de ti, Mãe querida!... Levou-te!... Como foi cruel!... Que dor inexplicavel!...

Mãe! não te sei contar o que senti, quando te vi pallida, hirta, inanimada e fria sobre uma mesa de pinho! Apezar de bastante enfeitada não sorrias!... De cada flor que ornava o teu esquife, ouvia-se um gemido, e cahia de cada petala tristonha uma lagrima dorida!... Flores que pranteavam a companheira morta!... Tua camara ardente era um longo suspiro... Por mais que eu te beijasse, não me beijavam teus labios!...

Na melancholia das horas, approximava-se a da tua partida... Os cyrios lacrimejantes broxuleiavam as descoradas chammas como a dizerem-te: — Adeus!...

Fecharam-te o ataúde...

Depois de amargas e saudosas despedidas, partiste.

Comtigo, Mãe idolatrada! foi-se tambem meu misero coração; e, com elle, tambem se foram as minhas phantasias, os meus contentamentos!

Nove vezes já tombou a neve ao lado de meus prantos! e inda hoje choro sem o teu consolo, sem os teus carinhos! Sinto ainda em meus labios a algida e amargosa impressão daqulle derradeiro beijo, cheio de dor, pleno de amarguras...

De que me serve tudo que possuo, para que me serve a vida, se não te tenho, Mãe! junto do coração, orphão de teus afagos, orphão de teu amor sublime?!...

Oh! minha Mãe! minha Vida!...

Tu, que no Céo estás feliz e vês o quanto soffro, pede ao Nosso Pae permissão, e vem, Anjo Consolador! Espirito da Paz! enxugar meu pranto, adoçicar meus labios cheios de fél com o dulçor de um casto beijo teu!...

Quero sentir a algidez de teus labios e oscular-te as magras e pallidas mãos, e nestes beijos exprimir-te todo o meu amor, todo o meu soffrimento depois que me dixaste...

Mãe! Guia, como outr'ora fizeste, quando eu ainda mal sabia pronunciar teu nome, os meus passos incertos! Ensina-me a trilhar o caminho que trilhaste! Aconselha-me para o Bem, e mostra-me a Verdade!...

Pousa sobre minha cabeça que escalda, tuas mãos de cêra, pallidas e tremulas, e abençôa tua filha na orphandade.

Novembro de 1915. Maria de LOURDES.

ESCOLA FERREIRA VIANNA

Amelia Napoli offerece ao Jornal das Moças

NOTAS THEATRAES

PHENIX

Foi, sem duv da a nota mais interessante da quinzena finda, a reabertura do confortavel e elegante Theatro Phenix, onde reappareceu, depois de ter feito uma *tournée* pelo Estado de S. Paulo, a companhia dirigida pelo actor Leopoldo Fróes e da qual faz parte a distincta actriz Lucilia Peres.

Foi á scena o *vaudeville* «Champignol á força», em tres actos, de Feydeau e Desvalléres, traducção e adaptação criteriosa de Accacio Antunes. O desempenho esteve na altura dos merecimentos da já conhecida *troupe*, que trabalhou no Pathé.

O publico que enchia a sala do «Phenix», dispensou seguidos e calorosos applausos aos interpretes da "Campignol á força".

Com os bons elementos de que dispõe a companhia Fróes - Lucilia Peres, e com a direcção intelligente do emprezario, Sr. Allonso, é de esperar que o "Theatro Phenix" torne-se um centro de diversão preferido pelo publico elegante, trazendo-nos á mente as reminiscencias dos saudosos tempos do antigo "Phenix". E são estes os nossos sinceros e ardentes votos.

Mlle PHILOMENA MACHADO SALLES

TRIANON

Para a *èlite* da nossa gloriosa Capital, ir ao "Trianon", tornou-se um habito *chic* e de bom gosto e como o illustre Dr. Christiano de Souza se esforça cada vez mais na escolha das peças a levar á scena, o elegante theatrinho da Avenida Rio Branco está todas as noites repleto do que ha de mais *raffiné* em nosso meio elegante.

Tem agora em scena a hilariante comedia «O irmão do Felizardo», de Oscar Wilde, na qual estreou a graciosa e intelligente actriz Abigail Maia.

S. JOSE'

Alcançou um grande successo a burleta "A Sertaneja", de Viriato Corrêa. Pepa Delgado, protagonista, no papel de mulata, tem obtido os mais justos e enthusiasticos applausos.

Mulheres coroadas e de descendencia real que têm graduações militares e postos nos exercitos europeus

Na Europa, nos paizes militarizados, as mulheres têm postos no exercito. E não se diga que são postos simplesmente decorativos. Agora, com a grande guerra, todas as princezas partiram para os campos de batalha a servir nas ambulancias e nos hospitaes de sangue.

Eis alguns exemplos:

As irmãs de Guilherme II, Victoria Corlota, casada com o principe de Saxe Meiningen, é chefe do regimento de granadeiros n. 2 da Silesia; Frederica Victoria, casada com o principe Schambourg-Lippe, é chefe do regimento de Hussards n. 53; Sophia (rainha da Grecia), é chefe do regimento de granadeiros da guarda n. 3; Margarida, casada com o prince de Hesse, é chefe do regimento de Hussards n. 30; a princeza Victoria Luiza, filha de Guilherme II, é o segundo chefe do regimento de Hussards da Guarda do Corpo n. 2; a ex-rainha da Rumania, Elizabeth, é o chefe do 2· regimento de caçadores da Rumania; a grã-duqueza Eleonora de Hesse, é coronel do 3· regimento de infantaria de Hesse; as tres filhas mais velhas do czar Nicoláu da Russia são coroneis do exercito.

E assim todas as rainhas e princezas européas.

Grupo de senhoritas do Club de Lawn-Tennis de Bom Successo

NOEMIA
Valsa
Por Francisco Escudero
A' MINHA ESPOSA
Noemia Martins Escudero
PIANO
Com alma P
cresc.
1ª.
2ª.
FF
P
FF

N. B. — Do **signo** que se acha no fim da segunda parte volta-se á primeira até o penultimo compasso, e d'ahi salta-se ao compasso **Final**. (Por ter sido omittido, por discuido, um dos signaes, é feita a presente explicação)

PROSA E VERSO

IRACEMA

(Icarahy)

Foi nos transportes sublimes d'um contentamento indefinivel e d'uma alegria incontida, que recebi a lembrança grata que, em prova intensa d'uma affectuosidade sincera, te dignaste de me enviar.

Do intimo de minh'alma agradeço o gracioso mimo, o qual me faz crer não ter ainda cahido no teu olvido... a lei do esquecimento é tão facil...

Outrosim, felicito-te pelo apreciavel — bom gosto — na escolha, tão consciensosamente recahida sobre uma flor tão singela, porém talvez a mais significativa e symbolica para as manifestações dos teus bons sentimentos...

ANGELICA

Primorosa flor, arrebatada dos páramos sideraes, para vingar por entre abrolhos, na torpeza da terra...

Corolla, rescendendo o subtil perfume das almas puras e santas... santas e imaculadas; petalas alvinitentes onde se concretisa a sublimidade do que é impolluto e verdadeiramente casto.

Synthese da innocencia...

Nectar essencialmente puro, derramado em profusão n'alma dos justos, nos corações que sentem e amam em verdade.

Hoje muito embora resequida, trago-a cuidadosamente guardada no amago do meu coração, no recondito mais intimo da minh'alma.

Ahi, orvalhada sempre com as lagrimas dormentes desta saudade dorida que me punge, ella virá um dia reflorir, não porém, nesta terra impura, neste tepido ambiente de miasmas e sim no eden feliz... no seio eterno do infinito... lá na celestial morada dos justos... na sideral mansão da — eternidade.

Será ainda, a primeira entre todas, escolhidas para formar a viridante palma da esperança e do amor.

Summamente agradecido, beijo-te as niveas mãos, que colheram esta reliquia sacrosanta de: — amor...

"Sempre Triste"

Eu leio
ditoso
o verso
formoso
Em forma de cruz que tu me fizeste,
Cantando sublime do bardo á canção,
Em verso de cruz, em verso celeleste!
E fico
tristonho
pensando
no sonho,
na vida
perdida
do vate
exilado
Em threnos de amor;
Procuro debalde o mundo das flores
Encontro somente espinhos da cruz
E vejo pregado morrendo de dores
O corpo querido do meigo Jesus!

Mattos Gomes.

PRIMAVERA

Para o Album de Mlle....

Eis que surge Flora. Em seu carro de ouro, ladeado de anjos, espalhando no infiinito a luz de seu diadema circumdado de estrellas e no centro Phebo magestoso, Flora. lentamente a vogar no espaço dirige-se ao signo de Aries.

Euphrosyna, Thalia e Agléa, em ancias de despeito, blasphemam contra Zeus; Helena envergonhada foge; Aphrodite, enciumada chora.

Flora do alto fala: Oh! trindade filha Hera, cala-te, és a Graça! — Helena, oh! bella Helena, não fujas, és a belleza! Aphrodite porque choras tu, que és o Amôr e o Mar? Somos as Graças, sim, diz Euphrosyna, mas acaso possuimos tanta quanto a lactea pupurata que te enfeita o collo?

Eu sou bella, diz Helena, a minha belleza é o encanto dos poetas e o meu perfil o molde da esculptura. Mas, que valerá a minha formosura, comparada ao ramalhete de angelicas que enfeita o teu cabello? Eu sou a deusa do Mar e do Amor, sim, diz Aphrodite, Venus de Milo é meu fiel retrato, vês como sou bella? Mas, pobre de mim! O mar, que me pertence é um louco enfurecido; o amor que de minh'alma exhala é a causa das lagrimas, das tristezas, do ciume e tragedias da humanidade...

Tu, Flora, és a verdadeira deusa do amor, mas de outra especie de amor, que não mata e que não faz soffrer; do amor verdadeiro, puro e perfumado, que exhala das corollas de teus jasmins, violetas, cravos e ipoméas...

Tu és tambem a deusa do Mar, mas de outro mar que não chora e não mata; do mar de todos os deuses, de todos os passaros, do mar formado pelo nectar das cascatas de tuas camelias, lyrios, rosas e anemonas!...

A' minha chegada Flora, não ha festas. A estrada onde passo é assignalada com o sangue. A minha linguagem a ancia e o desespero. Comtempla agora a natureza em festa; escuta o concerto dos passaros; respira o suavissimo perfume que trescala da anthese de todas as flôres; admira emfim o reaviar das plantas... Tudo, Flora, em tua honra. Agora dize-me, que vale ser a deusa do Amor, do Mar e da Belleza, junto á deusa das Flores, se só as flores encerram o verdadeiro amor, o perfume, a belleza, a graça e a perfeição?!

Rio—31—9 | 915.

Arvore de Jupiter.

A UNS OLHOS PRETOS

Olhos pretos, olhos santos
Harmonia dos meus cantos
Porque motivo sois tristes...
Olhos pretos, olhos santos?

Desde o dia em que me vistes
Ha quantos dias, oh quantos!
Que os meus ficaram mais tristes
Mais do que vós, olhos santos!

Ereis tão bellas! no emtanto
Vós sois mais bellos ainda
Quando orvalhados de pranto...
Como um amor que se finda.

Minh'alma triste, vasia
De sonhos e de emoções
Deante de vós se enebria
De luz, amor e illusões

Olhos pretos, olhos vagos
Quem vos fez calmos assim...
Como dous imnotos lagos
D'um taciturno jardim?

Olhos mortos como Outomno...
A' noite quando adormeço
E desta vida me esqueço,
Eu vos vejo em todo o somno...

Apaixonados, tristonhos,
Cheios de tanta bondade..
Que julgo ver a saudade
Apparecer-me nos sonhos.

Olhos pretos, olhos santos,
Olhos alma! Oh! perfeição!
São vossos meus pobres cantos,
E' vosso meu coração.

◇◇◇

Estes olhos que cantei
Em cuja luz me inspirei,
Estes olhos, luz dos meus;
Pela vontade de Deus
A morte agora os encerra
No seio tredo da terra.

Rio, 20—10 | 915.

Pierre Luz.

MARIA MACAHYBA

(COLLABORAÇÃO)

Maria Macahyba sabia que o filho estava no Rio de Janeiro. Mas já havia muitos annos que não recebia cartas suas. E assim, toda saudosa e apavorada com os effeitos da secca que assolava o seu sertão, o seu unico fito, o seu unico anhelo era fugir para encontrar-se com o filho.. E isto o fez, trazendo comsigo uma filhinha de cinco annos, de nome Ophelia. Mas, o filho de Maria Macahyba, aqui, nada ainda havia feito. Era um miseravel como os mil que por hi andam pernoitando nas hospedarias.

A pobre mulher não fazia idéa do que fosse o Rio para os desfavorecidos da sorte.

Muitas vezes o filho de Maria Macahyba quiz escrever á sua mãe; mas, se arranjava duzentos réis, o estomago logo os reclamava e o pobre moço ia ao kiosque onde os fazia valer por uma "média" e um pedaço de pão sem manteiga.

Aqui chegando a pobre mãe saudosa e accossada foi ter á casa d'onde o seu filho lhe escrevera a ultima carta. Alguem alli lhe poderia informar. Bateu á porta, era uma casa de alugar commodos; indagou por José Macahyba, seu filho; o alugador lembrando-se da divida que o moço alli deixára abriu a babosa bocca em improperios e a pobre mãe ficou alli a chorar, tendo a seu lado, toda medrosa e esqueletica, sua filhinha Ophelia.

Quando a noite já de todo havia estendido o seu lençol marchetado de constellações rutilantes, Maria Macahyba sentiu-se apavorada, vendo as portas se fecharem. E alli pernoitou ao relento até que o sol surgiu. E como houvesse bem perto uma igreja, as pessoas que passavam para a missa, julgando Maria uma esmoler, foram-lhe jogando alguns nickes, com que a menina se animou e principiou a brincar, emquanto dos olhos daquella infeliz mãe, a alva flor do soffrimento — a lagrima — corria mansamente.

Visinho á casa de alugar commodos, morava um funccionario publico que tinha duas filhas ainda creanças que presenciaram o escandalo que o alugador fez quando Maria indagou por seu filho. E na manhã do dia seguinte as meninas vendo ainda aquellas creaturas alli, pediram ao pae para as recolher em sua casa, o que elle fez, promettendo arranjar uma collocação para Maria, ficando com Ophelia até que sua mãe se pudesse dirigir por si só.

*

Entretanto, José Macahyba perambulava pelas ruas, debalde procurando uma collocação. Nascido quasi como os indios — sem escolas e medroso dos sinos — era religioso e modesto de instincto. Estudava nas bibliothecas, onde sentia-se mais suavisado das agruras da vida. Já o mundo lhe era indifferente: o seu pensamento adejava nos paramos das vibrações intellectuaes que são tão distantes deste mundo de obstrusidades e preconceitos sociaes; num mundo idéal que só os poetas podem habitar, num mundo tão sublime que só os sonhadores podem ver. E' como Deus — infinitamente bello, infinitamente indescreptivel essa mysteriosidade do cerebro.

D. Annita Rosa de Mello e sua graciosa filhinha Silvina Rosa de Mello

Senhoritas Judith Mesquita Cabral e Adalgiza Varejão, residentes em Laguna

Um dia, José Macahyba sentiu-se exangue: o corpo lhe tremia. Na rua do Ouvidor, alta noite, um velho jornalista ao sair da redacção do seu jornal encontrou o pobre moço abrigado á porta. Como é natural aos grandes reporters, aquelle typo, assim todo recostado, como querendo fugir de alguma coisa não lhe foi indifferente. E chegando-se a elle, carinhosamente interrogou-o.

José, então, contou-lhe a sua historia triste.

Compadecido, o jornalista correu ao botequim que havia num compartimento do predio do jornal e mandou servir-lhe algumas iguarias e café. Quando José acabou de fazer aquella refeição, as pernas cambalearam-lhe e elle ficou de joelhos: a fraqueza pol-o naquella posição humilhante. Depois disso, o jornalista deu dois passos para retirar-se, mas a alma boa — o sentimentalismo — fel-o voltar e elle então convidou o moço para pernoitar em sua residencia. E naquella noite o jornalista não dormiu. Dois espiritos fortes alli estavam e a conversação do moço era tão agradavel, unia-se tanto á sua alma que elle passou a noite escrevendo os horrores do Norte contados pelo sertanejo.

Dias depois José já havia comprado um terno novo.

E annos se passaram. José era apaixonado pelo jornalismo e estudava muito. Mas a dor moral de não saber de sua mãe, trazia-o sempre triste e abatido. Seu pensamento voava ao seu sertão e elle, na meza de trabalho, com os dedos da mão esquerda por entre os cabellos e os da mão direita trazendo a penna sempre a correr nas tiras de papel, murmurava

— A secca devastou tudo... Minha mãe pereceria? Ai!... Parece que tudo na Vida é humano: vem do pó e torna a ser pó...

E José fez tudo para ter noticias de sua mãe. Mas, a pobre velhinha não lia jornaes. A miseria era a sua companheira de sempre. Aqui, graças ao funccionario publico que lhe acolheu em sua casa, tinha dois mil réis diarios que ganhava numa fabrica de tecidos, os quaes juntava com as migalhas que Ophelia ganhava da venda de rendas e "crochets" e assim iam passando.

No entanto, muito estimado e competente, annos depois, José era convidado para secretariar o "Divulgação", orgão que o velho jornalista dirigia.

*

Manhã quasi. O sol vinha com as suas irradiações collorindo as praias... Os jornaleiros estendiam as suas toalhas de papel nas calçadas e botavam em ordem as revistas e jornaes que haviam de servendidos durante o dia. A cidade despertava numa suavidade primaveril...

Sobre a muralha da Gloria um vulto de mulher se debruçou e esteve alli por muito tempo... José Macahyba que

áquella hora havia saido da redacção do seu jornal, caminhava por entre aquella alameda. A presença daquella mulher abriu-lhe a curiosidade e então elle foi se chegando até que, sem que ella o percebesse, ficou de costas para o mar, bem perto della.

Abstracta ao principio, depois ella principiou a gesticular, pronunciando algumas palavras sem nexo.

José não supportou mais o seu silencio e tocando de leve no braço daquella infeliz, perguntou-lhe quasi ao ouvido:

Mlle. Lucilla Mattoso, residente em Amparo Estado de S. Paulo

— Senhora, que fazeis? O que vos faz gesticular assim?...

A mulher voltou-se para elle; seus labios desprenderam-se num doloroso sorriso, dizendo:

— Desejaes alguma coisa?

— Desculpae-me. Mas, vos vi aqui assim... gesticulando e... nestas praias tem-se dado tantas coisas... tantos suicidias... Podia ser, podia ser...

— O que me traz aqui é... é uma historia muito dolorosa. E' a fé que tenho em Deus, é a palpitação fremente d'um coração de mãe!

O jornalista estremeceu: Aquella mulher, aquelles labios tremulos, aquelles cabellos grizalhos, aquelle olhar forçadamente plumbeo como que amortecidos por uma dor moral, tinham algo de mysterioso e santo. E o jornalista sentiu-se deante daquella velhinha como um jovem estremece ao contacto de uma deusa! E murmurou:

— Historia dolorosa... Senhora, se me não engano, vos conheço.

— Ai! sim... póde ser!

Depois a velhinha ficou meditativa; e fixando bem os olhos no jornalista, sentiu-se como que arrebatada e o pranto se lhe desprendeu convulsivamente.

O jornalista amparou-a nos braços; perguntou-lhe onde morava e ella deu-lhe o seu endereço; mandou parar um "taxi" e pediu que o "chauffeur" conduzisse aquella infeliz á casa onde ella disse morar.

O automovel partiu. José ficou encostado na muralha da praia fitando o vehiculo até que este desappareceu por entre as arvores copadas da avenida extensa.

— Historia dolorosa — disse elle. Será possivel? E' parecida com a minha mãe!

A' noite, sem que lhe houvesse saido da mente aquella mulher e tendo o espirito num labyrintho de conjecturas, José foi á casa da velhinha. Era um pequeno casebre de taipa no centro de um cercado aromatizado de jasmins e chrysanthemos.

O jornalista bateu á porta... Uma voz de mulher perguntou-lhe com tanta docilidade quem alli estava, que José logo se sentiu apoderado dum bom humor.

A casa estava ás escuras.

— Entre, disse a mimosa creatura.

José ao principio ficou indeciso, mas o amor de filho parecia sentir o aconchego materno e elle entrou resoluto.

Do corredor a velhinha vinha com um candieiro acceso na mão. Foi quando José viu quem lhe havia aberto a porta: Era uma moça de seus 18 annos, que logo teve para o jornalista um sorriso, um daquelles sorrisos ingenuos que nos abrem a sympathia e o respeito. A velhinha botou o candieiro em cima duma meza; puxou um banco e tomando pela mão a moça, ambas sentaram-se juntas.

— Sente-se, esteja a vontade — disse a velhinha ao visitante. Ahi tem uma cadeira. Vou desabafar a sua curiosidade tão agradavel para mim, porque, talvez, seja-me propicia. O senhor é jornalista?

— Sim, minha senhora... E tive este prazer de vir até aqui porque... quero unir ás suas magoas os meus pezares...

— Jornalista! Meu Deus, que idéa feliz! Póde ser... Olhe, o que me leva todos os dias áquella praia é a saudade e a saudade é tão grande que é preciso que eu procure o mar onde vou chorar os meus tormentos. Vou olhar para o logar por onde deve ter passado o meu filhinho. Na fé que tenho em Deus espero um dia encontral-o!...

José estremeceu e a velhinha continuou:

— Eramos tres, porque o meu marido falleceu ha já muitos annos: eu, aqui a minha filha e o meu filhinho que embarcou para o Rio. Era muito intelligente e estudioso, tinha o seus idéaes e por isso nunca mais o vi...

E a velhinha chorando, caiu nos braços do jornalista dizendo:

— O sr. pode escrever no seu jornal que eu — Maria Macahyba — quero ver meu filho. Sim, José está vivo, diz-m'o o coração.

José sentiu-se arrebatado pelo contentamento. Mas, reflectiu, era conveniente não dizer de prompto que elle era o filho de Maria Macahyba.

— Sim, sim... Mas acalme-se — disse elle afagando os cabellos desgrenhados de sua mãe. Conheço-o. José... está vivo!

A velhinha com as mãos contrahiu o coração; ergueu-se como que querendo segurar-se ao jornalista; duas lagrimas rolaram-lhe pelas faces e não podendo gesticular mais, desmaiou. Estes espasmos vinham-lhe sempre com qualquer emoção. A moça aconchegou-se ao visitante e este disse-lhe ao ouvido:

— Ophelia, minha irmã, José sou eu!

Quando a velhinha recuperou os sentidos, José e Ophelia estavam abraçados!

Um gracioso grupo de leitoras do "Jornal das Moças" — photographia offerecida pelo Sr. J. A. Bento, negociante nesta capital ao centro (x) sua digna esposa.

— Meu Deus! Que é isso?! — disse a velhinha erguendo-se da cadeira onde o filho a havia encostado.

— Mamãe! elle é José!

A velhinha abriu os olhos estupefacta. Depois caiu de joelhos, dizendo:

— Meu Deus! primeiro agradeço a ti!

....

E alli a lagrima deixou de ser a alva flor do soffrimento para se tornar o sagrado influxo d'um contentamento sem fim n'uma alvorada que estremecia para se evidenciar!

João Du-Bosck.

O GATO, O CÃO E O RATO

Aos amigos Chico e Juca

Quando pae Adão tanga verde usava,
Tecida de folhagem de figueira,
O mundo era melhor, a vida andava
Mais segura, mais simples, mais fagueira.

Foi no bom tempo em que o avarento Judas
Teve de pé a febre do sarampo :
Sem gastar drogas caras nem ajudas,
Se curou a beber «jasmin do campo».

Foi então que se passa o caso extranho
Que vou narrar por conta da legenda.
— Os bichos hoje se entendem ; mas antanho
Riam, falavam, tinham sua renda.

Um dia o cão resolve uma viagem,
Vae longe. Para haver mais segurança,
Ao gato de leal camaradagem,
Confia papéis, parte sem tardança.

O pobre do bichano bem medita
Onde guardar o documento antigo
A' bola deu tormentos. Bella fita!
Sob o telhado o põe. Não ha perigo.

Mão profana jamais alli tocára,
Nem a gata nem filhos alli o sabiam,
Volta o gato ao borralho, lambe a cara,
— Emquanto sem temor as ratas criam.

Não esqueça o leitor : naquelles tempos,
O gato, o cão e o rato andavam junto,
Comiam doces, viam passatempos,
Um d'outro não servia de presunto.

O cão volta da bruta caminhada,
Toca a refestelar-se na matilha.
Do gato vae depois té a morada :
— Abraço derradeiro então partilham.

Após as saudações quer os papeis
O dono. Mestre Gato sobe ao forro,
Certo que encontra, atados por cordeis,
Os segredos gentis de dom Cachorro.

Oh destino cruel ! Vê só apáras
Nesse logar. Fizera um par de ratos
O ninho nos papeis, — Desculpas caras
Pede e bichano em vão. Taes desacatos,

Fazem-se declarar guerra perenne
Entre estes bichos, velhos camaradas,
Ao gato corre o cão, raivoso infrene ;
Cae o rato nas unhas anzoladas.

Dulce Barreto, 4 annos, filha
do capitão de Corveta
Alberto G. Barreto

De amigos se tornaram máos visinhos,
O cão e o gato. Deram máo exemplo,
Aos dentes afiados dos ratinhos,
Que não poupam broqueis do mesmo Templo.

*
* *

Que quererá dizer esta perlenga,
Pensará o leitor com seus botões ?
— Muita moral ensina a lenga-lenga
Dos pobres animaes amphitriões.

Deve a amizade ser condescendente,
Grandeza d'alma ter a cada passo ;
Surge, perdão, diz Christo sorridente,
Ao homem peccador no seu fracasso,

De Cicero : «A amizade verdadeira
Se conhece nos lances mais incertos.
Previne assim a falsa, a interesseira,
Que busca nos amigos lucros certos.

*
* *

Quem for sincero — não medir perigos,
Para salvar, vida, honra dos amigos.

*
* *

Quem é justo não peza sacrificios,
Por toda a parte esparge beneficios.

Altino de Moura.

O BERÇO E O ESQUIFE

No berço dorme, sorrindo — a esperança; no esquife, provocando lagrimas — a saudade.

O berço lembra a veleira barca de Jason em demanda de Colchos; o esquife, a negra urca de Libitina, encalhada entre arrecifes, desmastreada, sacudida pelas tempestades.

No berço ha um coração que pulsa, alimentando corações ; no esquife um coração inerte, envenando corações. Por onde passa o berço, soam palmas e hosannas, turturinam beijos e sorrisos ; por onde desliza o esquife, ha sussurros de preces, gemidos e soluços.

Sobre o berço, Amor se debruça, abre os braços, sacode as azas, e diz, sorrindo : Salvé !

Junto ao esquife, Amor ajoelha-se, pende a fronte, e murmura : Adeus !

No berço ha o sol que disponta ; no esquife, o sol que se abrumou: daquelle ergue-se o homem para a conquista da Terra ; deste, o espirito para a conquista do Céo : um touca-se de rosas ; o outro, de acanthos e de saudades.

No berço pipilam sonhos ; no esquife guaiam desejos, vasquejam esperanças. A quem dorme no berço, chama-se com o beijo ; a quem dorme no esquife, invoca-se com a lagrima.

Quem responde ao beijo? O sorriso !

Quem responde á lagrima? A saudade!...

J. Paixão.

O CAMPO DA BATALHA

Brilhava a lua impassivel
Sobre o campo da batalha,
Envolto da lucta horrivel
Na ensanguentada mortalha.

Jazem por terra as bandeiras
Dos que ha pouco alli folgaram
E ao som das marchas guerreiras
Em mil tropeis se cruzavam.

Passaram do somno á morte
Em fero, nocturno assalto,
E a vencedora cohorte
Seguiu de pendões ao alto.

Centenas de moribundos
Vasquejam de espaço a espaço,
Enviando aos siderios mundos
O olhar merencorio e baço.

E a lua brilha impassivel
Sobre o campo da batalha,
Envolto da lucta horrivel
Na ensanguentada mortalha...

De H. Heine.

A VARA DE SABUGO

Iam uma vez, um caçador e seu filho a atravessar uma floresta; corria entre elles um regato profundo. O filho quiz passar para o lado de seu pae, e, como o regato era tão largo, que elle não podia transpôl-o de um salto, sem algum auxilio, cortou um ramo de uma arvore da margem, firmou um extremo delle no leito predregoso do regato, e ergueu-se sobre o outro extremo com vigoroso impulso.

Mas o ramo era de sabugueiro, e logo se partiu sob o peso da creança, que desappareceu nas aguas.

De longe um pastor presenciára a scena toda; deu um grito e correu alvoroçado.

Quando chegou porém, já o rapazinho havia reapparecido e, cobrando animo, alcançava, a nado e sorrindo, a margem onde o pae o estava esperando.

Disse então o pastor a este:

— Instruiste bem teu filho; mas entre as cousas que era preciso ensinar-lhe, esquecêste uma, que foi a de sondar o interior antes de ter confiança. Se elle tivesse examinado a medúla do sabugo, não se tinha confiado na casca que o enganou.

— Amigo respondeu o caçador; eu agucei-lhe a vista e exercitei-lhe a força; é quanto basta, para confial-o sem temor ás lições da experiencia. A desconfiar, hão de breve ensinal-o os homens.

Um grupo de amiguinhos do «Jornal das Moças» em passeio pittoresco

O NOME DE MARIA

Este nome, que se tornou vulgarissimo em muitos povos christãos, taes como o nosso e o de Portugal, era outr'ora de tão grande veneração, que em certos paizes estava prohibido ás mulheres usarem d'elle. Affonso IV, de Castella, estando para casar com uma virgem moura que para tal effeito, ia ser baptisada, declarou que não a receberia como esposa se, no baptismo, lhe puzessem o nome de Maria.

Entre as condições de casamento estipuladas para o enlace conjugal de Maria de Nevers com Vladislau, rei da Polonia, havia um dispondo que a princeza mudasse seu nome pelo de Aloysa. Sabe-se, tambem, que Casimiro I, rei da Polonia, o qual desposou Maria, filha do duque da Russia, exigiu o mesmo d'aquella que tomava por mulher.

Entre pae e filho, ao jantar

— Então, o que fizeste hoje no collegio?
— De manhã, aprendi as vogaes.
— E de tarde?
— De tarde . . . esqueci-as.

A interessante menina Anninha, filha do Dr. Antonio Ferreira de Mello.

Dois apreciadores das "Paginas infantis"

NOBREZA DO TRABALHO

LENDA JAVANEZA

Trabalhava um homem em uma pedreira numa alterosa montanha, e recebia pelo seu trabalho um salario muito reduzido e soffria nesta rude tarefa de tal modo que, um dia desesperado, disse:

— Ah, si eu fosse rico para descançar em um leito macio com luxuosas cortinas!

Então desceu do céo um anjo e lhe disse:

— Que a tua vontade seja cumprida.

E o trabalhador tornou-se rico e teve cama riquissima com cortinado de seda.

Mas um dia chegou o rei do paiz com uma grande escolta de cavalleiros atraz de seu carro e resguardado do sol por um grande pallio de ouro.

E o homem que já era rico sentiu-se entristecido á vista do faustoso espectaculo; suspirou e disse:

— Ah, si eu fosse rei!

O anjo desceu outra vez do céo e disse:

— Que a tua vontade seja cumprida.

E foi rei, e passeava, com escolta de cavalleiros, em seu carro com pallio de ouro; mas o sol trouxe sobre a terra tanto calor que até as hervas seccaram e o rei olhando o grande astro, disse que queria ser como o sol:

— Que se cumpra tua vontade, disse o anjo descendo do céo, outra vez.

E se transformou em sol e lançava seus raios sobre a terra brilhando sobre a relva e tostando o rosto dos principes; mas logo uma nuvem se levantou no espaço e obscureceu essa luz, e irritado de ver assim seu poder delimitado, exclamou que queria se transformar em nuvem.

E o anjo do céo disse:

— Que se cumpra a tua vontade.

E se transformou em nuvem. Collocou-se entre o sol e a terra e a relva e as arvores brotaram de novo e de seus flancos jorraram torrentes de agua que inundaram o valle, desvastaram as plantações e afogaram o gado e animaes caseiros. Mas ao cahir em cachoeiras sobre a pedreira não poderam abalal-a e a nuvem exclamou:

— A montanha pedregosa é mais poderosa do que eu. Quizera ser montanha!

E o anjo appareceu mais uma vez e disse;

— Que se cumpra a tua vontade!

Foi mudado em pedreira e nem os raios do sol, nem a violencia da chuva a commoviam; mas eis que apparece um trabalhador que com sua picareta começou a cavar, tirando-lhe grandes pedaços e então a montanha exclamou:

— Esse trabalhador é mais poderoso que eu. Quizera ser trabalhador!

O anjo surgiu outra vez e disse:

— Que se cumpra a tua vontade.

E o homem transformado tantas vezes, voltou a ser trabalhador e trabalhou rudemente todos os dias para ganhar o seu salario e está contente com sua sorte.

A sua ambição levou-o a querer ser tudo e depois de tudo conseguir por intermedio do anjo, quiz ser novamente o que era d'antes e então o anjo lhe disse:

— Sê feliz com o que possues, porque neste mundo ninguem está satisfeito com sua sorte.

O CAVALLO

O cavallo é um animal vertebrado, da ordem dos mammiferos. E' um animal de bonito aspecto. Tem o pescoço comprido, coberto de crina, cuja côr varia, assim como a do pello.

O cavallo póde ser: castanho, alazão, zaino, russo, baio, rosilho, doiradilho, pampa, tordilho, etc.

O cavallo é um animal util: é um auxiliar do homem. Presta-se á montaria, e serve para puchar carros, e carroças. Em certos logares come-se a carne dos cavallos. Houve cavallos notaveis, que ainda hoje são lembrados pela historia. O Bucephalo por exemplo, de Alexandre — o Grande, um cavallo tão bravo, que tinha medo da propria sombra. Incitatus, foi outro cavallo celebre, por ter sido feito senador, pelo seu dono. O imperador romano que o fez, foi Caligula que era doido.

Pegaso, era um cavallo que tinha azas.

O cavallo de Troia tambem é muito celebre.

Gilberto Reis

(Do 1° anno complementar do Gymnasio Federal.)

Eduardo, que é um rapazito de rara intelligencia, e que conta apenas, sete primaveras, chamou o primo Henrique, menos arguto do que elle, e disse-lhe:

— Eu apostava comtigo em como não és capaz de indicar cinco dias da semana, sem pronunciar os seus nomes?

Henrique exclamou tranquillamente: — Segunda feira, terça feira..

Não é isso, replicou Eduardo. Mas já que disseste esses dois, dize agora os outros cinco; mas sem lhes pronunciares os nomes. Henrique ficou perplexo. Então Eduardo, levou ao ultimo ponto o espanto de seu primo exclamando:

— Ante-hontem, hontem, hoje, amanhã e depois de amanhã.

— Então meu filho, já que queres ser militar, que arma escolhes? Engenharia, artilharia...

— Nenhuma d'essas, papá; escolho a cavallaria que é para poder fugir mais depressa.

O pae debalde ralha com o Juquinha para que não faça barulho.

— Quantas vezes te tenho dito que te cales?

— Sete, papá.

Torneios Charadisticos

Segundo torneio.—Soluções dos problemas publicados no n. 31: Gallo-golla; extraordinario; malvasia; nunca; contrito-conto; marina-mana; ramiro-raro; cavallo-a; quedo-a pereira-pera.

DECIFRADORES: Ailez, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe, Junulino, Menina de Chocolate, Roitelet e Santinha —10 pontos; Garota Nonicia—9; Mercês—8; Clio, Farfalla Azzurra, Izabel Aguiar, Rosa Pernambucana e Mystica—7; Carolina da Fonseca, Verde Stelo, Ivna e Mystica e Edith de Oliveira—6. *Zilda, Mar Dag, Melpomenes* — 1.

Quarto torneio. — Premios ás duas decifradoras que alcançaram maior numero de decifrações e a autora do melhor trabalho.

Premios extraordinarios: ás autoras dos melhores trabalhos em segundo e terceiros logares:— Meia duzia de caixinhas do perfumoso, aromatico, persistente e delicioso pó para perfumar a roupa—EDEN-FLORAL.

Problemas ns. 13 a 16

Charadas novissimas

1—1—Apenas no polo Norte encontra-se jogo.
Carolina da Fonsec

2—2—Muito bem! Na Macedonia existe esta planta.
Athy do (Olympique Trio)

2—2—O molusco no jardim anda em grande agitação.
Nemrac Ladiv.

2—1—Só assucar que offerece, senhora?!
Celina Muniz

Problemas ns. 17 a 18

Charada mephistophelica

(A' eximia charadista e distincta professora publica Mlle. Isabel Moraes)

(4)—2—3 A sciencia estremecia perante esta mulher.
Clio.

(4)—2—2—Tirei do idolo um aspecto para o romance.
Santinha

Problemas nos. 19 a 22

Charadas syncopadas

3—2—Oh! Couto, dê-me um synonymo de rei.
Cycy.

5—2—O animal gosta de fructa.
Ivna

3—2—Esta mobilia não é barata.
Mlle. Alzira

(A' distincta collega Noemia B)
Faça o empadão com as cautelas necessarias.
Mysteriosa

Problemas nos. 23 e 24

Charada em anagramma

5—2—O teor muitas vezes serviu-me de guia.
Garota Nonicia.

5—2—Você é capaz de carregar este vaso?
Rhut Villa Flor

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º ....

Problema n. 25

Enigma

(A' Chrysanthéme d'Or)

A MAIO M K †

Sinhá Velha

CORRESPONDENCIA

Clio—Recebemos, sim senhora. Não foi ainda publicado por falta de espaço.

Esmeralda.—Não nos parece neophyta quem se apresenta com tanta perfeição e com tão raros conhecimentos. E' com immenso prazer que acceitamos a inscripção da distinctissima collega e agradecemos lisonjeados as phrases amaveis de vossa correctissima carta.

Não publicamos trabalhos do diccionario Silva Bastos, razão por que os vossos lindissimos trabalhos não serão publicados.

Junulino.—E' exacto. Só agora o correio nos enviou cartas de vossa procedencia.

Olympique-Trio.—Gratos. Cumprimos sempre com o nosso dever.

Mysteriosa, Souci, Noemia B, Chloris, Euterpe, Celina Muniz, Nemrac Ladiv, Mar Dag, Cycy, M. Angouléme e Santinha—Recebemos.

Verda Stelo e Myosotis. — Não possuimos mais trabalhos vossos.

Orama

AVISO

Pedimos aos nossos agentes em atrazo que satisfaçam com presteza as importancias dos seus debitos para com esta revista, afim de evitarem a interrupção da remessa da mesma.

TROVAS POPULARES

Ninguem descubra o seu peito
Por grande que seja a dôr;
Quem o seu peito descobre,
E' a si mesmo traidor.

Já pedi a morte a Deus,
Elle disse que m'a não dava,
Que pedisse a salvação,
Que a morte certa estava.

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
15—11—915

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Jacintho F. — Vamos aproveitar os postaes, mas o trabalho a Saudade dedicado a senhorita Leonor Mattos não está em condições.

Léa d'Alva — Recebemos, a sua «Angustia». Veja se escreve menos apaixonadamente não vale a pena mortificar-se tanto... Será mesmo possivel que a Senhorita sinta tudo quanto diz naquellas linhas repassadas de tanta amargura e descrença?

Adelia Dourado — Recebemos e agradecemos.

Edwiges Gomes — Se jabem apparecida nesta casa sua amiga!... Chegou um pouco atrazada.

Noire — Teremos immenso prazer, a honra é toda nossa, completamente a sua disposição.

Neailt — Recebemos sua cartinha e o retrato. V. Ex. é muito impaciente. Como os pensamentos vieram em uma mesma carta é possivel que fossem tomadas como de uma mesma autora e porisso sahiram uns e outros ficaram. Isto, porém não é motivo de zanga, mande-os agora separadamente e fique certa, gentil senhorita, que será attendida com especial carinho. Gratos pelo retrato.

Marietta — A sua cartinha de amor não póde ser publicada.

Ovidio Guimarães — Recebemos e publicaremos pedindo que desculpe a demora.

Beatriz Mangina — Com muito prazer, pode mandar.

Magda, Hugo Machado, Camelia Rubra, Maria da Gloria R. Pereira, Margarida, Julia Duarte Costa, De AbraSza, Pedro Violante, Moacyr, Ciumenta, S. Morato, Beléo Alferdo Goulart Salve, Emma, Dalmeida Silva, J. Belmonte (chormos), Walkyria M. Bragra, Jambete, Dinisdimis, A. S. Ferreira, Arlindo M. Garcia, Bruno Briaréo—Serão aproveitados os seus trabalhos.

Archiminio Caió — Estão bons os Versos a uma morta, mas infelizmente faltá-nos espaço para um trabalho tão longo. Agradecemos o retrato.

Paulo de Mattos — Sairá nos postaes

Nair Santelmo — Os dois tercetos do soneto "Quando partiste" dedicado a distincta professora Alice Fortes, só poderemos aproveitar, mas é preferivel que V. Ex. faça as pequenas correções necessarias e mande-o de novo.

Eugeny — Bom o seu trabalho, "A missa do Templo Lar". Já publicamos o retrato da princeza que V. Ex. teve a gentileza de nos remetter. Recebemos sua carta.

Amelia Napoli—O soneto "Carnaval" fica esperando a devida opportunidade.

Ezequiel—A poesia "Colibri", agrada pela simplicidade do estylo e da fórma.

Tharcilla Henriques— "O Jornal das Moças", não pode servir para propaganda biblica.

Heitor L. C.— Não entendemos a sua "Carta de Amor".

Recebemos do nosso distincto leitor que se assigna simplesmente Souza, uma amavel cartinha protestando contra a criminosa facilidade com que algumas pessoas copiam producções alheias e mandam para serem publicadas com suas assignaturas. Nessa carta refere-se a Arminio Lima que mandou para os bilhetes postaes como seus, uns versos de Guilherme d'Azevedo, já publicados em 1885.

O amigo, que já labutou brilhantemente na mesma arena, onde nos achamos agora, contrafeitos e falhos de competencia, sabe perfeitamente ser difficil evitar esses abusos.

Só mesmo a companhia de seguros contra plaginadores a que se refere poderia remediar o terrivel mal.

Canções Chilenas

A UM ARROIO

Vês este arroio tão brando
Que as hervas vae encobrindo?
Como se acerca, sorrindo!
Como se afasta, chorando!

E' como uma endeixa casta
Que com seus sons nos encanta:
Quando se approxima, canta,
E chora, quando se afasta.

Cinta de crystal sonora
Que entre aljofares deriva,
Ri, como uma alma expansiva,
Como alma tristonha, chora.

Forma no seu murmurio
Cachos de brancas espumas,
Irisados como as plumas
Das nymphas bellas do rio.

Ora, a tremer, se debruça,
Si aura fresca as aguas tece,
Ora, correndo, parece
Que se queixa e que soluça.

Quando as flores vêm beijar
Com sua mansa corrente,
Chega-se tão mansamente
Que nem se sente chegar.

Entre as suas ondas frias
E minhas vãs illusões
Ha vagas palpitações
De secretas sympathias.

Sob o solo tão sombrio,
Humilde e só, se escondendo,
Vae correndo, vae correndo,
Até perder-se no rio.

Sua vida vem a ser
Uma vida tão latente
Que corre tão mansamente
Que nem se sente correr.

E eu, com passo ligeiro,
Busco o remanso do olvido,
Trovador desconhecido,
Louco, estranho cavalheiro.

E ao cabo de tudo, ao ver
A fé morta, o bem passado,
Eu vivo tão ignorado,
Que nem me sinto viver.

R. B.

DE TUDO UM POUCO

Extravagancias de homens celebres

O Principe de Orange tinha um medo louco dos numeros 6 e 11, nada fazendo nem praticando nesses dias.

O grande maestro Chopin sentia calafrios diante de um sudario de um morto. Por sua vez, o seu collega Belline tremia só em ouvir fallar em defuntos.

O grande phylosopho Bacon cahia em delirio durante os eclipses da lua.

Turenne, marechal da França, tremia, ao ver comer uma ratazana.

O geometro Bolyai batia-se em duello tocando, nos intervallos dos assaltos, o violino que, como unico objecto, tinha em casa.

Leiden tinha tanto medo de ser envenenado, que acabou por não abandonar o leito de casa.

Lamolhe-le-Vayer não podia supportar o som de instrumento algum.

◆◆◆

Conselhos para se passar bem

Para bem comer, è preciso que disponhamos de bons dentes, è preciso tel-os sempre limpos e para isso, o melhor meio é laval-os e escoval-os pela manhã e pela noite e depois de cada refeição com agua fresca e tépida.

Para bem comer, é preciso tambem ter apettite. Não de mais, pois se deve comer com reflexão e o apettite demasiado fal-a desapparecer.

Antes de tragar o alimento, convem deleitar-se com o bom cheiro que dalli se desprende, afim de excitar o paladar e preparar as sensações gestativas.

Comer por pequenos bocados. Triturar bem e bem mastigar o alimento e dissolvel-o o mais possivel. Engulil-os lentamente. Beber quasi sempre, mas pouco de cada vez. Não esquecer o preceito de Brillat Savarina: «Uma sobre, mesa sem queijo é como um lindo rosto a que falte uma vista.»

Finalmente, deixar a mesa ainda com algum apettite.

Nos seus «Conselhos de hygiene» o dr. J. Héricourt, apresenta alguns que devem ser sempre seguidos. Diz elle:

«Si tu trabalhas com os musculos, sê sempre vegetarista e guloso de assucar. Si trabalhas com o cerebro, sê antes carnivoro.

«Abstrai-te completamente do alcool.

«Consagra o descanço dominical á vida em pleno ar. Dorme oito horas.

«Mãe, não consintas que os teus filhos se beijem entre si.

«Tua casa será sã, si nella o sol poder entrar e sahir.

«Luta contra o pó com a agua e não com o espanador.

«Desembaraça-te de cortinas, de tapetes e estofos com que se cobrem cadeiras, sofás e até paredes.

«Observa todos estes conselhos e procura fazer que te conheçam em torno de ti mesmo.

Flôr rara

No Mexico, provincia de Oajaca, nos arredores de Telmantepec, ha uma flôr rara, que muda de côr com toda a regularidade tres vezes por dia.

A's seis horas da manhã è branca; assim que nasce o sol começa a córar e ao meio dia em ponto possúe uma bella côr do vermelho vivo; á medida que vae cahindo a tarde, vae-se tornando violeta e ás seis horas tem uma esplendida côr azul escura.

Com a noite, torna a fazer-se branca, para, no dia seguinte, recomeçar as mudanças.

Emquanto está vermelha tem esta flôr um perfume delicadissimo, que se perde logo que principia a arroxear.

Pertence esta flôr extranha á familia das orchideas.

◇◇◇

Para lavar o marmore

O marmore tendo mancha ou sujo, limpa-se com agua e sal esfregando-o com uma esponja, ou panno e deixa-se enxugar por si.

Passadas duas horas lava-se com agua.

Si depois desta primeira lavagem não tiver ficado limpo repete-se a operação e depois de obtido o effeito desejado termina-se passando-lhe em cima um pouco de linhaça ou cêra virgem, dissolvida em essencia de terebentina.

◇◇◇

Remedio contra os argueiros

Como todos sabem, um meio facil de extrahir os corpos estranhos de sob as palpebras, consiste em puxar com os dedos a palpebra superior, de modo que fique sobreposta á inferior e mover circularmente o globo do olho, tres ou mais vezes.

Pois, no dizer de um periodico scientifico, ha outro meio ainda mais simples e que um medico recomenda como infallivel para tirar qualquer fragmento extranho que se introduza num olho: esfregar por alguns minutos o olho são, sem tocar no que está affectado.

◆◆◆

O chá e o systema nervoso

Um medico inglez chamou a attenção do publico para os males que resultam á saude, e, especialmente ao systema nervoso, da absorpção do chá sob a forma de dececção ou de infusão.

As classes pobres costumam deixar ferver as folhas de chá em vez de despejar-lhes em cima agua fervendo, por economia, afim de utilizar as mesmas folhas diversas vezes. O impressionante augmento da loucura e das diversas fórmas de doenças nervosas, na Inglaterra e na Escocia, é attribuido pelo medico inglez a esse systema errado e perigoso.

◆◆◆

Violinos de metal

Tentou-se mutas vezes fabricar violinos de metal, mas as experiencias nunca deram bom resultado. Modernamente um fabricante serviu-se do aluminio para esse fim e fabricou instrumentos na verdade excellentes que foram com resultados excellentes experimentados do Instituto Musical de Bolonha.

Parece, de facto, que se obtem com o aluminio extraordinarios effeitos de sonoridade e que, tambem pela pastosidade e doçura do som, os novos violinos podem porfiar com os melhores Stradivarius.

São além de tudo — e é uma particularidade de grande importancia — muito mais leves do que os de madeira.

◆◆◆

RECEITAS

Pão doce de Vóvó

Uma colher de fermento de padaria amassa-se com 2 colheres de farinha de trigo e agua, cobre-se para crescer no dia seguinte o fermento deve estar bem crescido.

Botam-se 3 pratos de farinha de trigo, 1 prato de assucar, 1 de gordura mal cheio, 1 de manteiga, 5 ovos, sal, canella e leite. Amassase muito bem, fazemse os pães abrindo-se a massa com rolo, bota-se manteiga, assucar e canella, deixa-se crescer bem. Depois corta-se com uma faca em cruz e leva-se ao forno quente.

◆◆◆

Podim de S. Pedro

Um kilo de massa de cará cosido, 500 grammas de fubá de arroz, 700 de assucar, 250 de manteiga, 1 duzia de ovos, sal, nozmoscada e canella; amassa-se bem com um pouco de fermento, deixa-se em logar quente por espaço de 4 horas e depois vai ao forno em fôrma untada de manteiga.

◆◆◆

Bolo de Alice

Tres chicaras de assucar, 3 de farinha de trigo, 3 de leite crú, 1 colherinha de salamoniaco, 4 ovos, 1 colher bem cheia de manteiga. Batem-se os ovos com o assucar até ficar bem grosso, depois junta-se tudo em fôrma; forno bem quente.

◆◆◆

Molho de ostras

Tomem-se tres duzias de ostras, lavem-se bem e dê-se-lhes uma fervura, deitando-as numa caçarola com manteiga derretida, salsa picada, uma colher de farinha batida com duas gemmas de ovo, pimenta e uma chicara de caldo.

Mexa-se até que as ostras estejam cozidas, juntando-se-lhes, na occasião de servir, 125 grammas de manteiga.

Este molho serve para deitar em pratos de peixe.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 30